

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

Jornal Regionalista — Por Castanheira-de-Pêra e Região

AVENÇA

ANO X	Redacção, Administração e Oficinas: Castanheira-de-Pêra — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, Lda Chefe da Redacção: António Maria Saraiva	N.º 320/2
----------	--	---	--	--------------

A RIBEIRA DE OURO

Por dever do ofício trepamos ladeiras e atravessamos caminhos, que a Ribeira de Pêra afaga nos seus caprichosos coleios, reflectindo no seu espelho límpido, sem defeito, toda a imagem quieta e a que tem movimento.

Hipnotizou-nos a Ribeira com a sua sedução de aspectos inéditos — deslumbrantes, como pinceis da tela de pintor de rara fama, que geram-se, água abaixo, água acima, numa epopeia de Arte difícil de reportar em letra de fôrma.

Canta, vibra, a Natureza, nas pontas das agulhas dos pinheiros; sobe aos eucaliptos, como indomável, e canta o seu triunfo aos muitos homens que não a compreendem... e saltita nas margens esplendorosas de Beleza, entoando a partitura — Benza-te o Sol — com os executantes da orquestra, «Rouxinol, Cotovia & C.ª».

Nunca vimos paisagem semelhante, ao andarmos uns doze quilómetros percorridos a passo lento — como quem pretende olvidar qualquer coisa... que anda dentro de nós, e que vai de encontro à incompreensão fatídica de muita gente...

Mos, deixemos a descrição do Belo da Ribeira, e falemos na missão de que nos incumbiram:

Visitamos as Fábricas que se debruçam, orgulhosas do seu prestígio, sobre a larga fita de massa líquida que serpenteia rasgando a terra. Dos representantes desses centros produtores de lanifícios recebemos o melhor dos acolhimentos. E aprez-nos registar neste número do nosso jornal, comemorativo do Trigesimo Terceiro Ano da Fundação do Concelho de Castanheira-de-Pêra, em páginas especiais, para as quais atraímos a atenção dos leitores, os réclamos que falam de conceituadíssimas firmas, que se impõem pela segura execução dos seus produtos de requintado gosto.

Desta Ribeira de Ouro, que serve sem cansaço e assiduamente uma Indústria classificada como a terceira do País, no seu género, saem artigos que superiormente rivalizam com as especialidades dos grandes centros estrangeiros, o que causa motivo de ufania no torião que os executa e à nossa Pátria.

Num agradecimento revestido da mais latente sinceridade vai o nosso reconhecimento para quantos nos receberam, numa compreensão nítida da finalidade da Imprensa, que, na sua maioria, se esforça pela propaganda do que é bom.

Serrana adormecida...

A fundação do Concelho

A alma dos povos — fortes ou fracos, ricos ou pobres, instruídos ou atrasados, fidalgos ou plebeus, castiços ou desnaturados — tem demonstrado, desde que há mundo, que a mais desmedida ambição não a farta, por muito bem que se instale ou por muito poderosa que seja.

Nesta remota visão que alcança todos os cantos e os polos do nosso planeta, tem o homem desbravado terras, rasgado os mares e sulcado os ares, ora em conquistas que lustram a sua história e enriquecem o seu património, ora em arremetidas ferozes que respingam de sangue e vestem de luto os menos audaciosos que desconhecem o ardid, permanentemente arrimados ao muito ou ao pouco com que o Destino os dotou.

E é assim que há milénios gerações consecutivas vêm revolvendo costumes e civilizações, num flagrante crescendo de progresso — embora as rodas dentadas das suas engrenagens tenham triturado magníficas intenções, por mal interpretadas!

Da planície à montanha, desta aos confins dos oceanos, através de todas as épocas, tem vibrado a voz potente da alma, no seu eterno anátéma:

— Peitos sem ambição, sois uns parados! Sois uns perdidos! A morte ulula à vossa volta! E a morte é o esquecimento!

A bela Serrana mirava-se no cromado das águas. Afagava a sua cabeleira negra, farta. Sabia da riqueza dos seus domínios, mas nunca passava da desprezenciosa que calca o diamante julgando-o mísero fragmento de vidro. A sua existência embala-se ao canto matutino dos rouxinóis nos choupos longínquos. Sorri de contente aos saltos nervosos da cabrinha que procura nas fragas os pomos carnudos. A Serrana não crê no ouro que vai rolando na sua Ribeira de Produto e Fama. A Serrana vive alheia ao seu valor, satisfeita com os adornos encantadores com que a Natureza a dotou.

Os anos galgam o tempo. A jovem faz-se mulher. A voz da alma atea-lhe aos ouvidos o anátéma que queima:

— Peitos sem ambição, sois uns parados! Sois uns perdidos! A morte ulula à vossa volta! E a morte é o esquecimento!

Uma gargalhada estridente da Serrana reboou pelos contrafortes e cristas da montanha. A reacção animou-lhe o corpo forte, plástico. Seus olhos sonhadores reviram, atentamente, os tesouros que a rodeavam e perscrutavam a próxima madrugada que nascia lenta...

Surgiu o dia 4 de Julho de 1914. O povoado embandeira. Bandas de música acompanham o extenso cortejo que se dirige aos Paços Municipais, entre chuva de flores e entusiásticas palmas. A uma das janelas assoma a figura respeitável do então Ex.^{mo} Sr. Governador Civil do Distrito. Com voz clara, pausada, diz:

«Aproveito o ensejo que se me oferece para na pessoa do Sr. Dr. Manuel Diniz Henriques, lhes agradecer o convite que recebi para vir pessoalmente conferir à digna Comissão encarregada pelo Governo da República, de instalar o Concelho de Castanheira-de-Pêra!»

E noutra passagem:

«Venho também trazer-lhe as minhas saudações: Saúdo a digna Comissão que teve a honra de propor; saúdo os ilustres senadores e deputados presentes, especialmente o ilustre deputado capitão Vitorino Godinho, que teve a honra de apresentar ao Parlamento o projecto de lei que cria este Concelho, saúdo, finalmente, o povo com o maior entusiasmo!»

A Banda de Infantaria 15, aquartelada em Tomar, e a filar-

(Segue nas páginas interiores)

FEZ no dia 5 do mês corrente catorze anos que Sua Ex.^{ma} Sr. Doutor Oliveira Salazar assumiu o alto cargo da Presidência do Conselho. O País continua a confiar no Ilustre Estadista, esperando que a sua inteligência, cada vez mais apurada e mais robustecida, colha novos êxitos que prestem muitos e excepcionais serviços.

De regresso à Pátria

No «Serpa Pinto» veio de S. Paulo a Ex.^{ma} Sr.^a D. Dionísia Barbosa Barreto, Esp.^a do nosso conterrâneo Sr. José Alves Barreto, importante industrial na Capital Paulista, sócio do nosso amigo Sr. A. Henriques dos Reis.

Esta senhora faz-se acompanhar de sua filhinha, menina Maria Lourdes, e conta estar algum tempo entre nós, aguardando a vinda do seu marido.

A' distinta senhora aprensemos as nossas boas-vindas.

No mesmo transatlântico regressou também a Portugal o sr. Carlos Fernandes, conceituado merciante em S. Paulo.

O sr. José Carlos, que se entra acompanhado de sua esposa e filho, é um cavalheiro de actividade e de proveitosa iniciativa que gosa naquele grande centro nação irmã, as mais seguras situações.

Folgamos com a sua chegada. fêdo votos para que usufrua na mãe o bem estar que merece. o carinho dos que lhe são queridos.

Na encantadora aldeia do viscal encontra-se a passar merecidas férias, depois de 22 de luta pertinaz por terras de Cruz, o nosso prezado assessor sr. Artur Francisco Lourde acompanhado de sua esposa sr.^a D. Carolina Foz Lourenço e D. Dilva da Conceição e Artur Francisco Lourenço.

Este senhor que em S. Paulo ocupou lugar de destaque no comércio proprietário da «Mercearia Es. Unidos da América». Como castanheirense partiu para o Brasil em busca de melhor situação, e do consigo, apenas, a vontade de trabalhar, e à custa dessa vontade triunfou.

Aos recém-chegados aprensemos os nossos cumprimentos

BENEMERÊNCIA

Asilo de Vêlhos e Inválidos

Dos passos que o homem movimenta pelo bem da Humanidade os que melhor marcam a sua marcha são aqueles que o conduzem aos pórticos da Protecção à Criança e da Protecção à Vêllice. Aquela, por ser conduzida ao bom caminho no qual enfrenta a Vida; esta, por ser carinhosamente amparada no último quartel da existência, depois de ter lutado, persistentemente por uma sociedade melhor.

De lés a lés de Portugal, desde o Alto-Minho, imponente, ao Algarve, garboso, os Padrões criados pela Benemerência, formam maravilhoso e farto ramilhete, que possue nas suas pétalas o suavissimo matiz da Caridade e o inebriante odor da parábola de Cristo que nos diz:

«Amai-vos uns aos outros . . . »

Neste cantinho da deliciosa Beira, também se manifesta, em relêvo de rarissima beleza, o nobre sentimento que vela pela Infância e procura defender aquêle a quem o trabalho e os anos tornou decrépito. E em boa hora foi formada uma Comissão Municipal de Assistência de Castanheira-de-Pêra, para a construção de um Asilo para Vêlhos e Inválidos.

Nós, em números transactos, já alardeamos a notícia e os nomes dos ilustres componentes da referida Comissão Municipal foram oportunamente revelados aos numerosos leitores de «O Castanheirense». Porém, falta registar a valiosíssima cooperação dos nossos queridos Conterrâneos de Além-Mar.

Briosa gente de pergaminhos escritos com a tinta de ouro do Trabalho e da Honra — gente que eleva o torrão e sabe dignificar a Pátria — lutadores gigantes em Terras de Santa Cruz, puzeram ao alto a coração, e nas mãos do ilustre Castanheirense Sr. Franklin Ceppas, há dias chegado a esta Vila, depuzeram avultadas verbas que muito avolumam a subscrição que erguerá tão benemérita obra.

Orgulhamo-nos de arquivar nestas colunas os nomes dos Filantropos que acabam de contribuir para tão simpático Refúgio de Protecção, que muito bem empareceirá com a benéfica «Casa da Criança, Rainha Dona Leonor».

Aqui, já a Infância balbucia um hino de louvor à perçaria dedicação dos homens. Ali, ao declinar do crepúsculo, será murmurada uma prece, entoada num cicio brando, que terminará assim:

— Almas de nobreza! Almas de eleição! Bem hajam!

António Ceppas	50.000\$00
Franklin Ceppas	50.000\$00
Adrião Henriques dos Reis	50.000\$00
José Alves Barreto	50.000\$00
Joaquim Tomaz Henriques	50.000\$00
Horácio Graça Ceppas	20.000\$00
Alfredo Nunes	20.000\$00
Cipriano Lopes de Almeida	20.000\$00
Roberto Bebiano Costa	20.000\$00
Alfredo Henriques Veras	10.000\$00
Manuel Alves Correia	10.000\$00
João Ceppas	10.000\$00
Vasco Graça Ceppas	5.000\$00
José Carlos Fernandes	5.000\$00
Fernando Barreto	5.000\$00
Soma	375.000\$00

Serviços dos CTT

Miranda-do-Corvo, 28 de Junho — Os assinantes da rede telefónica do concelho de Miranda-do-Corvo pedem providências ao ilustre Administrador Geral dos CTT, afim de serem montadas mais duas linhas entre Coimbra e Miranda-do-Corvo, devido ao muito serviço e as chamadas demorarem duas e três horas, e, às vezes, o dia inteiro, o que ocasiona avultados prejuizos. — C.

Os cegos por êsse mundo

Vai ser posto à venda o livro, «Os cegos por êsse mundo», da autoria do sr. Joaquim Nunes Pinto, professor cego do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, de S. João do Estoril, cujo produto liquido revertirá a favor do mesmo Instituto. Rogase aos beneméritos deste estabelecimento para contribuírem para esta obra que apenas custa 20\$ e que pode ser pedida por um simples postal ao referido Instituto, auxiliando, assim, a educação e protecção aos cegos.

TRIBUNA DO ASSINANTE

Horas fatidicas No nosso número de 10 de Junho findo, relatamos um lamentável desastre de automóvel, ocorrido na Avenida da India, em Lisboa.

A esclarecer a notícia recebemos as seguintes linhas:

«Lisboa, 17-6-46. — Sr. Director de «O Castanheirense»:

Perdê-me o tempo que venho roubar-lhe, mas prometo ser breve.

No seu jornal de 10 do corrente, na secção noticiosa, com o título, «Horas fatidicas», descreve-se o desastre ocorrido no passado domingo, 2 do corrente, na Avenida da India, de cuja descrição estou muito em desacôrdo, por não traduzir a verdade.

Primeiro: Sou Ramiro Simões Coutinho — como pode ser constatado no ficheiro dos assinantes desse jornal — e não Ramiro Simões Sá Coutinho.

Segundo: Sou natural do lugar da Balsa, desse concelho, e não do lugar da Gestosa.

Terceiro: O meu amigo Ferreira Santos não teve morte instantânea, tendo, sim, falecido no Hospital de S. José, e eu, felizmente, não sofri «profunda commoção cerebral e graves lesões internas», mas sim apenas um ligeiro ferimento na cabeça, do qual estava completamente restabelecido no espaço de três dias.

Embora seja contra os meus princípios êste reparo não podia passar em claro.

Sem outro assunto creia-me muito obrigado, etc., Ramiro Simões Coutinho».

Informamos o nosso querido subscritor que as notas para a errada notícia foram colhidas na imprensa diária.

Depois do pedido de desculpa, pedimos ao sr Simões Coutinho licença para o felicitar, muito sinceramente, por ter sofrido tão pouco num desastre de perspectivas apavorantes.

Melhoramentos

Muito gostosamente publicamos a carta

que segue, escrita pelo punho de um Castanheirense que ama a sua terra:

«Lisboa, 12-6-1946. — Sr. Director de «O Castanheirense»:

Como bom filho do Concelho de Castanheira-de-Pêra, leio sempre com grande prazer as noticias vindas no seu jornal, especialmente aquelas que se referem a melhoramentos da nossa Região.

Se não fôra a persistência e boa vontade daqueles que estão encarregados da defesa dos interesses do Concelho de Castanheira-de-Pêra, nunca teríamos o prazer de ver realizados os sonhos e, por vezes, as necessidades urgentes, não só da sede do Concelho, como também das aldeias que fazem parte do mesmo.

São varias as obras realizadas pelo Município. No aformoseamento da Vila, especialmente, têm-se verificado melhoramentos notaveis.

Para aquêles que estimam e nunca esqueceram o Torrão-Natal, e que são obrigados a viver disant e dêle, e com grande prazer que tomam conhecimento de tais factos, na mai r parte das vezes por intermédio de «O Castanheirense».

Agora, surge por duas vezes, com pequenos intervalos, a notícia da construção da estrada do Bolo a Mega Cimeira. A ser uma realidade a sua construção, será um melhoramento de grande beneficio, não só para as aldeias que ela vai servir, como também para a sede do concelho. Eu, que sou natural de uma das aldeias que muito beneficiam com a sua construção, rejubilei ao ler tal notícia. Oxalá essa ideia se torne realidade, pois será mais uma divida de gratidão dos beneficiados com tal melhoramento.

Pedindo desculpa, sr. Director, pelo espaço que lhe ocupo, sou com toda a consideração, Manuel Carvalho».

Nada temos que desculpar ao nosso conterrâneo que tão justo carinho consagra à sua terra.

«Tribuna do Assinante» foi criada para quanto os secundam a nossa simpática causa — Pró Região.

D. MARIA ARMINDA MORAIS DA CRUZ DE AGUIAR CORTEZ

No dia 29 de Junho último realizou-se, na vila, o funeral da Senhora Dona Maria Arminda Morais da Cruz de Aguiar Cortez, extinta, que contava 71 anos de idade, natural do lugar do Bolo, da freguesia de Castanheira-de-Pêra, e casada com o Sr. Manuel Fernandes Cortez, da Lousã, onde residiam. Ultimamente encontrava-se numa casa de Saúde, em Lisboa, onde faleceu, e foi o seu cadáver trasladado para a casa da sua naturalidade, formando-se ali grande cortejo de pessoas deste concelho e de outros circunvisinhos, que a admiram pelas excelentes qualidades e virtudes que era dotada.

Era descendente de uma familia muito antiga do nosso meio. Filha da Senhora Maria Preciosa Morais da Cruz Aguiar e do Sr. Dr. Manuel da Cruz Aguiar, homem de grande influencia politica, era neta do Dr. Morais e da Senhora Dona Maria Eduarda Morais. O Sr. Dr. Morais foi honrado de grande envergadura politica. Foi deputado da Nação, e, nos últimos anos da vida, encontrando-se paraltico, fazia se hospitar em ladeira, nas occasiões precisas para qualquer parte do Pais, apesar de quele tempo ainda não haver as nossas estradas a macadam.

Bom e que de vez em quando se vão recordando estas coisas para conhecimento vindouros e honra da nossa terra. Ainda hoje se notam em muitas pessoas dos lugares aqueles principios de educação e respeito, outrora adquiridos na «Casa do Bolo», como vulgarmente era conhecida a residência daquela illustre Senhora, e que, desafortunadamente, têm sido transmitidos.

A Senhora Dona Maria Arminda Morais da Cruz de Aguiar Cortez era mãe do Sr. Dr. Ulisses de Aguiar Cortez, Director do Ministério da Justiça e Deputado da Nação, do Sr. Manuel de Aguiar Cortez, Senhoras D. Maria Benedita de Aguiar Cortez, D. Maria do Ceu de Aguiar Cortez, Maria Preciosa de Aguiar Cortez Jardim Ferreira; sogra do Sr. João Joaquim Ferreira, funcionário da Caixa Geral dos Depósitos e tia do Sr. Dr. José Pinto de Aguiar, Director do Instituto de Assistência aos Doentes.

A todos apresenta «O Castanheirense» a expressão do seu pesar pelo falecimento do bom e caritativa Senhora, que as saudades deixou nesta Vila.

III

Os restos mortais da Senhora Dona Maria Arminda de Morais Cortez, foram velados na igreja do Socorro, em Lisboa, onde encontravam depositados, em câmara pública, por grande número de pessoas de todas as categorias sociais, nas quais pertenciam muitas senhoras.

Depois de ter sido rezada missa de corrente, a urna foi conduzida para um túmulo que tomou a direcção desta terra da sua naturalidade.

Estiveram naquele templo e fizeram-se presentes, ou encorporaram-se no prestígio de outros, os senhores:

Presidente do Conselho, Dr. Albino dos Reis; Prof. Dr. Fezas Vital, respectivamente Presidente da Assembleia Nacional da Associação Corporativa; ministros da Justiça

As Obras Públicas, sub-secretários de Bolo das Corporações, das Colónias e da Associação Nacional; tenente-coronel João Mendes do Amaral, presidente da Comissão Executiva da U. N.; coronel Lopes

do mesmo organismo; tenente-coronel Armando Larcher, director dos Servicos de Censura; dr. João de Almeida, director geral do Ensino Superior e Belas

Artes; dr. Garcia Pulido, dr. José Manuel Costa, chefe do Gabinete do Sr. Presidente do Conselho; Júlio Cayola, agente das Colónias; drs. Bustorff Silva, Eu-

gênio Serra, Abílio Celso Lousada, Brás de Matos, Marinho da Silva, António Nunes

da Silva, Henrique Cabrita, José Alçada Marques, Cincinato da Costa, José Ant-

ónio Marques, comandante Quelhas de Lima, Henrique Tenreiro; dr. Almeida Ribeiro,

Dr. João Alvim, Avelino Cavaleiro de Aguiar, etc.,

chegada a esta Vila o féretro foi depositado na residência da finada, de onde se dirigiu para a igreja local, sendo ali rezadas as commendações, e dali para jazigo de família no cemitério municipal.

Além de inúmeras pessoas de familia, acompanharam o féretro a sua última jornada os srs. drs. Henrique Vaz Lacerda, João Marreia David, José Fernandes

de Almeida, José Bebiano Henriques da Silva, João Alves Tomaz Morgado, João Diniz

de Carvalho, Artur Aguiar e Júlio Farinha; dr. Alves Ceppas, digno presidente do Município, etc. e muito povo.

T. C.

Castanheira por dentro

Caros leitores: INICIO hoje esta secção, não com o intuito de criticar esta risonha e próspera Vila, mas sim para lembrar algumas pequenas coisas que parecem esquecidas no plano das realizações. Desculpem-me vocalências se com isto vou ferir a devoção do vosso amor à terra querida, que é esta linda Castanheira.



O Parque Dei um passeio, à tardinha, pelo nosso Parque encantador, ali, à Casa da Criança, e mais uma vez fiquei quedo por momentos para admirar aquelas belezas que o *jardineiro* nos oferece fazendo com as suas mãos habilidosas e com a sua fiel tesoura prodígios que raro se operam por êste nosso País. E só então penso qual a razão porque esta boa gente não vai, à tardinha, dar uma volta, como eu, ao Parque? Não ligam importância a Obra de tanta monta? Ou temem a escuridão? Pela minha parte inclino-me para o facto da escuridão! E' que o nosso Parque tem, somente uma lâmpada que se suspende no cimo de grande poste, que é acesa pelo jardineiro todas as noites, o que não é suficiente. Se a par das belezas que ali se encontram houvesse regular iluminação, dava gôsto ir nestas noites agradáveis que decorrem passar algumas horas no convidativo recinto. E que bom seria ouvir, ali, em alguns dias da semana os acordes da Banda que o nosso amigo sr. Tibério rege com maestria.

Tudo é possível... Assim queiram os incansáveis dirigentes daquela magnífica Obra.



Cinema Todos nós sabemos, de sobejo, que o cinema é um dos bons passatempos recreativo e educativo. Pois, caros leitores, nesta Castanheira o cinema é *letra morta*!! Esperamos que haja para aí alguém que tenha iniciativa e gôsto, para proporcionar aos castanheirenses umas sessões de cinema.

E' voz corrente que o Clube Castanheirense pensa fazer alguma coisa — ou mais claramente — alguns sócios do Clube é que parece pretenderem dispôr de capital para a montagem de uma máquina. Oxalá que os Directores do Clube consigam alguma coisa de aproveitável, para consôlo dos cinéfilos cá do burgo, e de toda a gente que nesta altura anda tão interessada com os documentários do que vai por êsse mundo.

E, por hoje, bonda...

UM ENTEADO

Rodrigues Laranjeira

Este brilhante jornalista lisboense, apreciado colaborador do nosso jornal, foi, há dias, vítima de uma violenta queda. Emboa tarde, por demoradas notícias chegadas à nossa redacção, desejamos ao nosso esclarecido camarada prontas melhoras, para que «O Castanheirense» continue a arquivar nas suas páginas deliciosa prosa de tão conhecido homem de letras.

José Coelho Júnior

Motivado por uma distensão violenta dos ligamentos de articulação num dos pés, tem guardado o leito, há já alguns dias, o nosso respeitável amigo e digno proprietário d'êste jornal, sr. José Coelho Júnior.

Todos os que trabalham na redacção e oficinas desejam ao seu dedicado chefe rápido restabelecimento.

MÁRIO ALVES BEBIANO

De Lisboa regressou, acompanhado de sua esposa, o nosso amigo sr. Mário Alves Bebiano, que àquela cidade se deslocou para tratar da sua doença. Façamos votos pelas suas melhoras.

Notícias de Figueiró

DA ÚLTIMA HORA

Nascimento — Na tarde do dia 4 de Junho passado, na Casa de Saúde da rua da Sofia, em Coimbra, deu à luz um encantador menino, a sr.^a D. Maria Hermínia Baptista Simões Nunes Agria, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel António da Costa Nunes Agria, industrial e muito competente correspondente de «O Jornal de Notícias», nesta vila.

Mãe e filho encontram-se bem.

Foi lavrado o registo de nascimento, e facto curioso: as testemunhas de nascimento do pai, foram as mesmas no registo de nascimento do filho: Dr. João Denis de Carvalho e António Dias Paiva.

Com os nossos cumprimentos de felicitações aos pais, desejamos ao recém-nascido, Manuel Maria, assim se chama, as maiores venturas.

Partidas e chegadas — Após alguns dias de visita a seus sogros, seguiu para Coimbra no dia 4 do corrente o nosso amigo sr. Francisco Pinto e Abreu, funcionário superior da Emissora Regional de Coimbra, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhinhos.

— Acompanhado por sua sobri-

nha e afillhada, D. Maria Emília Quaresma Herdade, partiu no mesmo dia para aquela cidade com curta demora, o nosso prezado assinante sr. José Gonçalves Ramos Júnior.

— A passar alguns dias entre nós, encontra-se o nosso conceituado assinante ex.mo sr. dr. Pedro Crespo de Lacerda.

— No dia 30 de Junho, passado, partiu para as Pedras Salgadas o nosso assinante sr. dr. Manuel Simões Barreiros, acompanhado de sua ex.ma esposa.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o sr. José Pires David, de Pedrógão Grande.

— Em gôzo de merecidas férias, seguiu para Coimbra recentemente, o sr. dr. Guilherme da Costa Luz, competente gerente do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa na Agência de Figueiró-dos-Vinhos, acompanhado de sua ex.ma esposa e filhinha.

— Depois de 15 dias de férias, reassumi as suas funções na Tezouraria da Caixa G. dos Depósitos nesta vila, o sr. António Rocha que se tinha ausentado com sua ex.ma esposa e filhinha.

— Para Tomar, onde foi recentemente colocado, partiu o sr. Fernando Henriques Lopes que durante algum tempo exerceu com muito zêlo na sede do Grémio da Lavoura desta vila, as funções de empregado. Cumprimentos respeitosos.

Doentes — Devido a uma grave enfermidade tem estado bastante doente a ex.ma senhora D. Generosa Mendes Barreiros, esposa do sr. José Simões Barreiros Júnior, importante armazenista de lanifícios na nossa praça.

Chega nos a notícia de que o seu estado não é já desesperado.—C

DE VIAGEM

Na nossa redacção cumprimentamos os srs. João da Silva Banito, técnico textil da firma Emidio Duarte Moreira, do Avelar, e Mannel Domingues Alves, empregado no comércio, na capital.

— De visita a sua mãe que se encontra bastante doente, estiveram entre nós os nossos amigos srs. Joaquim e José Tomaz, residentes em Lisboa.

— Esteve alguns dias nesta vila o sr. Domingos Gusmão Soares, filho do nosso particular amigo sr. Manuel Fernando Soares, professor em Mira de Aire.

— Na Fryvideira — Pedrógão Grande — encontra-se junto de sua família o nosso assinante sr. José Carlos Neves Gusmão, recentemente chegado da América do Norte.

MENINA ILÍDIA BARATA COELHO

Em Lisboa, em casa de seus pais Sr. Elias Alves Barata, já falecido e da senhora D. Conceição Barata Coelho, faleceu a menina Ilídia Barata Coelho, irmã das meninas Judite e Ester e do menino João Barata Coelho.

A extinta era sobrinha dos Srs. José Coelho Júnior, proprietário das Oficinas Gráficas de «O Castanheirense»; José A. Coelho, funcionário da Carris em Lisboa; Pompeu Coelho, comerciante em Tôrre Novas, e das senhoras D. Maria Carmo Alexandre Coelho, D. Maria América Coelho e D. Maria dos Anjos Coelho.

A' Família enlutada e muito especial ao digno proprietário d'êste jornal, Sr. José Coelho Júnior, apresenta «O Castanheirense» sentidas pêsames.

Casamento

Realizou-se no dia 6 do corrente o enlace matrimonial, do nosso prezado amigo sr. Manuel Tomaz Henriques, gerente da firma José Tomaz Henriques Sucessores, Ld.^a Varzea, filho do sr. José Tomaz Henriques, já falecido, e da sr.^a Maria Preciosa Tomaz, com a menina Maria Luísa Carvalho David, filha do sr. Alfredo Henriques David e da sr.^a D. Cristina Carvalho do Torgal.

Foram padrinhos, por parte noivo o sr. Alves Garcia, de Lisboa e sua Ex.^{ma} esposa, por parte noiva o sr. José Carvalho da Silva e a menina Angelina Henriques Carvalho.

Na residência dos pais da noiva foi servido luto «Copo de Agua» farnecido pela Pastelaria Central de Coimbra, a que assistiram grande número de convidados amigos dos nubentes.

«O Castanheirense» faz votos pelas felicidades do novo casal, apotecando-lhes um futuro próspero risonho.

DCENTE

Tem estado bastante doente senhora Josefa Natalia Tomaz, esposa do sr. José Tomaz, desta vila. Desejamos as suas melhoras.

FÁBRICA COMPLETA
DE LANIFÍCIOS DO
SOUTO ESCURO

Manuel Lopes Henriques & Filhos, Limitada

Troviscal — Telefone, 42

CASTANHEIRA-DE-PERA

Festas do Concelho da Lousã



COLÔNIA
BALNEAR
INFANTIL

(Especial para «O Castanhense»)

As festas de S. João, na Lousã, foram este ano um brilho invulgar, devido aos desinteressados esforços do grupo onomástico «Os Joões do Concelho da Lousã».

Os seus componentes, pessoas boas de boa vontade e entusiasmo, amaram a si a realização destas atividades que, de ano para ano, se vão decaindo. Segundo nos informam, já há anos que as festas de S. João deixaram de ter o fulgor antigo, desse tempo em que afluiam nesta linda Vila milhares de pessoas de fora. A Feira Anual, mesmo, foi, pouco e pouco, enfraquecendo, quando-se, pois, indispensável e alguém a salvasse duma certa ruína ou extinção. E assim, os simpáticos Joões, compreendendo a lamentável seria deixar perder costumes que se consagraram alma deste bom povo lousanense desde há muito, meteram ombros a uma tarefa extenuante, mas que, perante o êxito obtido, os deve ter satisfeito inteiramente. As festas realizaram-se, tiveram um brilho enorme e confirmaram quanto vale a vontade daqueles que aciosos seus próprios interesses em os interesses da sua terra al... ou adoptiva.

Pela manhã do dia 22 fomos acordados por uma estrondosa salva de morteiros, 21 tiros. Era o início das festas do concelho da Lousã. Em todo o nosso corpo perpassou a vaga de alegria e entusiasmo e não permitiu a nossa permanência no quarto. Café engulido, aí nos nós até à Praça Cândido dos Reis, ao Largo da Biblioteca e ruas de S. João Santos e João de Cáceres, ando surpreendidos com a grandiosa azáfama proveniente da montanha de stands e barracas para a festa, bem como do pavilhão para divertimentos e exibição de ranchos regionais. Durante todo o dia houve movimento enorme, quer da parte local, quer daquela que vinha propositadamente assistir às festas.

Pelas 21 horas procedeu-se à abertura oficial da Feira pelo Ex.^{mo} Sr. Pedro Mascarenhas de Lemos, qualidade de Presidente da Câmara Municipal, com a presença de todas as Entidades Oficiais e Representantes do Comércio, Indústria e Agricultura locais. Usou da palavra o Ex.^{mo} Sr. Dr. João Dias, Chefe de Intabilidade da C. E. B. que num quente e vibrante discurso saudou e agradeceu em nome de todos os Joões deste concelho, a presença das referidas Entidades, salientando a cooperação monetária da Câmara Municipal, Grémio da Lavoura, Comércio e Indústria da Região, e adrecedendo as saudações que lhes foram dirigidas, o Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara pronunciou uma breve oração, desejando o mais remanebante sucesso à Comissão Organizadora das Festas.

Após o tradicional corte da fita e vedava a admissão ao recinto da Feira, dirigiram-se ao Pavilhão da Comissão Central dos Joões, onde foi servido um «copo de água». Por toda a noite se prolongaram as Festas.

Durante o dia imediato realizou-se a afamada Feira da véspera de S. João que teve desusado momento. Às 18 horas reuniu-se na Igreja Matriz um grande número de Joões; que acompanhados por imen-

so povo, foram, com o reverendo padre João, à Fonte da Arcada, onde este ilustre sacerdote, ante um enternecedor silêncio, benzeu a água daquela Fonte. Entretanto já o entusiasmo crescia porque estava chegada a hora da recepção ao Rancho Folclórico e Orfeónico dos Olivais, de Coimbra, e Joões povo foram para a Estação do Caminho de Ferro, aguardar a sua vinda. Esta recepção foi vibrante e carinhosa e por ela se pode aferir da forma hospitaleira como os lousanenses são capazes de receber os seus visitantes.

Eis que são chegadas as 22 horas. A ansiedade desenhava-se nitidamente no rosto de todas as pessoas. Ia sair a célebre «Marcha dos Joões», um dos números mais interessantes de todas as Festas. Organizou-se um extenso e vistoso cortejo com milhares de indivíduos, seguindo, à frente, o Rancho dos Olivais, cantando a sua marcha de saudação à Lousã, alternadamente com a «Marcha dos Joões», cantada por estes. Cada João empunhava um balão, sendo indiscutível o espectáculo que aqui resultou. A alegria atingiu as raízes do delírio. Todo o mundo cantava. O cortejo percorreu as ruas principais da Vila, depois de ter passado pela Fonte da Arcada. Dispersion no Largo da Biblioteca, indo o Rancho exhibir-se no pavilhão que para esse fim fora construído. Os Joões, entretanto, foram comer a sua tradicional ceia que decorreu animadíssima, impressionando-nos a bondade que se revelou pelo facto dos Joões Ricos — chamemos lhes assim — associarem a si os Joões Pobres: a seu lado comiam todos os Joões indigentes do Concelho. Era meia-noite quando começou estoirando um vistoso fogo de artifício, confeccionado pelos hábeis pirotécnicos Manuel Ribeiro & Irmão, da Ponte Velha. Todas as peças agradaram imenso.

E, pela noite dentro, dançou-se e cantou-se com a maior animação. E' de toda a justiça elogiar sobremaneira a acção do Rancho dos Olivais que num gesto altamente simpático veio desinteressadamente a esta terra, emprestar às Festas uma elegância sem limites, exibindo as suas danças regionais com infinita graça, cheias de vida e plentóricas de alegria, marcadas com muitíssima arte pelo seu ensaiador e grande amigo da Lousã, sr. Jaime Baptista Duarte, com música do inspirado artista sr. Fernandes, regente da Orquestra Orfeónica do referido Rancho.

Estamos no dia 24 de Junho, o dia grande das Festas do Concelho e dos Joões. A Feira Anual, aliada à mensal, continua a provocar transacções de vulto. Gado de toda a espécie e produtos de todas as origens atulham os recintos que lhes são destinados. Em toda a parte se ouvem conversas de carácter comercial e de todas as mãos se desprendem milhares e milhares de escudos para efectivação dos mais variados pagamentos.

Entretanto, na igreja Matriz, realizava-se uma impressionante cerimónia: a missa por alma de todos os Joões falecidos, celebrada pelo reverendo padre João. A esta consvente cerimónia assistiram os Joões que, no dia da sua maior

Festa, não esqueceram aqueles que Deus chamou a si, elevando o seu pensamento e as suas preces ao Céu, e pedindo-lhe para todos os companheiros do seu nome, um eterno descanso. A assistência era constituída por todas as classes sociais, notando-se a presença das mais ilustres famílias do Concelho.

Chegadas que foram as 11 horas realizou-se um Concurso Pecuário, cujo júri era presidido pelo Intendente Geral da Pecuária do Distrito de Coimbra, sendo atribuídos vários prémios a gado bovino, turino e suíno. Os exemplares premiados foram imensamente admirados.

Ao declinar do dia, cerca das 18 horas, começaram a juntar-se em frente à Alameda Carlos Reis os carros alegóricos às actividades do Concelho e Ranchos Regionais que haviam de constituir o cortejo mais interessante que no género se tem organizado nesta ubérrima Vila. O desfile iniciou-se às 19 horas. O espectáculo era deslumbrante. À frente do cortejo seguia um carro com a Comissão Central dos Joões, dentre os quais nos lembra ter visto os Ex.^{mos} Srs. Dr. João Dias, João Fernandes, João Alves Coelho, João Cipriano Tomate, João Neves Garcia e João Mateus Poiães. Nos seus rostos lia-se facilmente a alegria que lhes ia na alma, devido ao entusiasmo com que eram saudados por toda a multidão. Seguiu-se o carro dos Bombeiros Municipais, a Filarmónica dos Operários da Fábrica do Penedo, e o carro da Quinta do Palácio, o da Quinta de S. Luiz do Freixo, o do Casal do Espírito Santo, o do Grupo Desportivo Lousanense, o da Marcenaria Artística, o da Auto Reparadora, o da Fábrica de Reparadora, o da Fábrica de Fiação e Tecidos, do Rio Ceira, L.da, o da C. E. B. e em alternadamente com os carros seguiam os Ranchos Regionais do Casal de Ermio, da Quinta de S. Luiz do Freixo e do Casal do Espírito Santo. A Filarmónica dos Operários da Fábrica do Papel do Penedo atacava com a maior harmonia uma vibrante marcha das muitas do seu vasto repertório, dando ao desfile vida, alegria e entusiasmo. Animado com os toques da Filarmónica e com os descantes dos Ranchos, o cortejo percorreu as ruas principais da Vila, formando finalmente em frente aos Paços-do-Concelho, onde aguardaram a atribuição dos prémios que lhes eram destinados.

O júri era presidido pelo consagrado artista Sr. Prof. Alvaro Viana de Lemos, que propositadamente se deslocou a esta terra para esse efeito. O primeiro prémio de Ranchos coube a Casal de Ermio, seguindo-se-lhes o da Quinta de S. Luiz do Freixo e Casal do Espírito Santo. Dos carros, mereceu o primeiro prémio o da Quinta de S. Luiz do Freixo, cabendo os restantes prémios aos carros da Auto-Reparadora, Fiação e Tecidos do Rio Ceir, L.da, Grupo Desportivo da Lousã, Quinta do Palácio, Marcenaria Artística, Casal do Espírito Santo e C. E. B.

À noite, no Largo da Biblioteca, a Filarmónica deu um esplêndido concerto, onde mais uma vez se afirmou a sua superior técnica musical, e a competência indiscutível

No passado dia 25 do corrente partiram para a praia da Foz de Arelho as crianças que fazem parte do turno que este ano, à semelhança dos anteriores, o Sindicato organizou, apoiando assim mais uma vez a simpática e beneficente iniciativa da F. N. A. T.

As despesas com as quais conta o Sindicato para este efeito, são enormes, mas este organismo não quer deixar de testemunhar os seus melhores agradecimentos para com as entidades que, compreendendo bem o alcance desta obra, participaram com os seus donativos para a realização e bom êxito da mesma.

Barros & Irmão, Limitada ...	1.000\$00
Fernandes, Antunes & C. L. ^a	300\$00
V. ^a de José Tomaz Henriques	300\$00
Domingos Correia de Carval-	
ho, Suc. ^a , Limitada ...	300\$00
Tomaz, Costa & Irmão, L.da...	300\$00
Adelino Gonçalves Estevão...	300\$00
Moreira & C. ^a ...	300\$00
Manuel Alves Ceppas ...	300\$00
Manuel Lopes Henriques &	
Filho, Limitada ...	200\$00
Manuel Barata Salgueiro ...	100\$00
Manuel Carvalho ...	100\$00
Alberto da Encarnação Coelho	100\$00
Fmfdio Duarte Moreira ...	100\$00
Sociedade Industrial do Bolo,	
Limitada ...	50\$00
Manuel Rodrigues ...	50\$00
Viúva Fino, Sucessor ...	50\$00
Manuel Nunes Braz ...	50\$00
António Lopes Ladeira ...	30\$00
Joaquim Lopes Ladeira & Fi-	
lhos, Limitada ...	30\$00
Marcolino Correia da Concei-	
ção & Companhia ...	30\$00
César Carvalho ...	10\$00
A transportar ...	4.000\$00

Da Secretaria do Sindicato comunicam que, de colaboração com a Comissão Municipal de Assistência, está em projecto a organização de mais dois turnos, dos quais um deve sair para a praia no próximo mês de Setembro, salvo motivo de força maior em contrário.

A PUBLICIDADE é comparada ao carburante de um motor. A PUBLICIDADE faz girar e progredir o Comércio e a Indústria.

vel do seu maestro sr. Carvalho. Com danças populares, músicas e fogos de artifício se encerrou este dia, já perto dos alvares do novo dia. Era este o destinado ao desafio de futebol entre os «Joões Casados» e os «Joões Solteiros», o primeiro, pois o segundo realizou-se no dia de S. Pedro, entre o Arouce-Praia e o Desportivo da Lousã, para a disputa da Taça «Os Joões».

Para finalizarmos esta já longa notícia, apraz-nos registrar três actos de bondade que merecem louvores: o Sr. Adalberto Santos (Quinta do Palácio), ofereceu um bezerro que ia no seu carro, afim de ser vendido, revertendo metade do produto para a Comissão dos Joões e a outra metade para o Hospital de S. João desta Vila; o Sr. Dr. António de Seça Ferrer de Saldanha Moncada (Quinta de S. Luiz do Freixo), deu-lhe a importância do prémio do seu carro; por intermédio do Sr. dr. José Pinto Morais de Aguiar, recebeu a Comissão Central dos Joões 24 chales e 25 cobertores do Socorro Social, para serem distribuídos pelos Joões Pobres.

Festas do Concelho da Lousã



COLÓNIA
BALNEAR
INFANTIL

(Especial para «O Castanhense»)

As festas de S. João, na Lousã, tiveram este ano um brilho invulgar, devido aos desinteressados esforços do grupo onomástico «Os Joões do Concelho da Lousã».

Os seus componentes, pessoas de boa vontade e entusiasmo, amaram a si a realização destas atividades que, de ano para ano, vão decaindo. Segundo nos informam, já há anos que as festas de S. João deixaram de ter o fulgor antigo, desse tempo em que afluíam nesta linda Vila milhares de pessoas de fora. A Feira Anual, mesmo, foi, pouco e pouco, enfraquecendo, ficando-se, pois, indispensável a alguém a salvasse duma certa ruína ou extinção. E assim, os simpáticos Joões, compreendendo não lamentável seria deixar perfeitamente costumes que se consagraram alma deste bom povo lousanense desde há muito, meteram ombros a uma tarefa extenuante, mas que, perante o êxito obtido, os deve ter satisfeito inteiramente. As festas realizaram-se, tiveram um brilho enorme e confirmaram quanto vale a vontade daqueles que acedem aos seus próprios interesses e aos interesses da sua terra natal... ou adoptiva.

Pela manhã do dia 22 fomos acordados por uma estrondosa salva de morteiros, 21 tiros. Era o início das festas do concelho da Lousã. Em todo o nosso corpo perpassou a vaga de alegria e entusiasmo que não permitiu a nossa permanência no quarto. Café engulido, aí nos nós até à Praça Cândido dos Reis, ao Largo da Biblioteca e ruas de S. João Santos e João de Cáceres, quando surpreendidos com a grandiosa azáfama proveniente da montanha de stands e barracas para a festa, bem como do pavilhão para divertimentos e exibição de ranchos regionais. Durante todo o dia houve um movimento enorme, quer da parte local, quer daquela que vinha propositadamente assistir às festas. Pelas 21 horas procedeu-se à abertura oficial da Feira pelo Ex.^{mo} Sr. Pedro Mascarenhas de Lemos, qualidade de Presidente da Câmara Municipal, com a presença das Entidades Oficiais e Representantes do Comércio, Indústria e Agricultura locais. Usou da palavra o Ex.^{mo} Sr. Dr. João Dias, Chefe de Estabilidade da C. E. B. que num quente e vibrante discurso saudou e agradeceu em nome de todos os Joões deste concelho, a presença das referidas Entidades, salientando a cooperação monetária da Câmara Municipal, Grémio da Lavoura, Comércio e Indústria da Região. Agradecendo as saudações que lhes foram dirigidas, o Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara pronunciou uma breve oração, desejando o mais brilhante sucesso à Comissão Organizadora das Festas.

Após o tradicional corte da fita e vedava a admissão ao recinto da Feira, dirigiram-se ao Pavilhão da Comissão Central dos Joões, onde foi servido um «copo de água». Por toda a noite se prolongaram as Festas.

Durante o dia imediato realizou-se a afamada Feira da véspera de S. João que teve desusado momento. Às 18 horas reuniu-se na Igreja Matriz um grande número de Joões; que acompanhados por imen-

so povo, foram, com o reverendo padre João, à Fonte da Arcada, onde este ilustre sacerdote, ante um enteneceador silêncio, benzeu a água daquela Fonte. Entretanto já o entusiasmo crescia porque estava chegada a hora da recepção ao Rancho Folclórico e Orfeónico dos Olivais, de Coimbra, e Joões povo foram para a Estação do Caminho de Ferro, aguardar a sua vinda. Esta recepção foi vibrante e carinhosa e por ela se pode aferir da forma hospitaleira como os lousanenses são capazes de receber os seus visitantes.

Eis que são chegadas as 22 horas. A ansiedade desenhava-se nitidamente no rosto de todas as pessoas. Ia sair a célebre «Marcha dos Joões», um dos números mais interessantes de todas as Festas. Organizou-se um extenso e vistoso cortejo com milhares de indivíduos, seguindo, à frente, o Rancho dos Olivais, cantando a sua marcha de saudação à Lousã, alternadamente com a «Marcha dos Joões», cantada por estes. Cada João empunhava um balão, sendo indiscutível o espetáculo uro que daqui resultou. A alegria atingiu as raias do delírio. Todo o mundo cantava. O cortejo percorreu as ruas principais da Vila, depois de ter passado pela Fonte da Arcada. Dispersion no Largo da Biblioteca, indo o Rancho exhibir-se no pavilhão que para esse fim fora construído. Os Joões, entretanto, foram comer a sua tradicional ceia que decorreu animadíssima, impressionando-nos a bondade que se revelou pelo facto dos Joões Ricos — chamemos lhes assim — associarem a si os Joões Pobres: a seu lado comiam todos os Joões indigentes do Concelho. Era meia-noite quando começou estoirando um vistoso fogo de artifício, confeccionado pelos hábeis pirotécnicos Manuel Ribeiro & Irmão, da Ponte Velha. Todas as peças agradaram imenso.

E, pela noite dentro, dançou-se e cantou-se com a maior animação. E' de toda a justiça elogiar sobremaneira a acção do Rancho dos Olivais que num gesto altamente simpático veio desinteressadamente a esta terra, emprestar às Festas uma elegância sem limites, exibindo as suas danças regionais com infinita graça, cheias de vida e plásticas de alegria, marcadas com muitíssima arte pelo seu ensaiador e grande amigo da Lousã, sr. Jaime Baptista Duarte, com música do inspirado artista sr. Fernandes, regente da Orquestra Orfeónica do referido Rancho.

Estamos no dia 24 de Junho, o dia grande das Festas do Concelho e dos Joões. A Feira Anual, aliada à mensal, continua a provocar reacções de vulto. Gado de toda a espécie e produtos de todas as origens atulham os recintos que lhes são destinados. Em toda a parte se ouvem conversas de carácter comercial e de todas as mãos se desprendem milhares e milhares de escudos para efectivação dos mais variados pagamentos.

Entretanto, na igreja Matriz, realizava-se uma impressionante cerimónia: a missa por alma de todos os Joões falecidos, celebrada pelo reverendo padre João. A esta conspícuo cerimónia assistiram os Joões que, no dia da sua maior

Festa, não esqueceram aqueles que Deus chamou a si, elevando o seu pensamento e as suas preces ao Céu, e pedindo-lhe para todos os companheiros do seu nome, um eterno descanso. A assistência era constituída por todas as classes sociais, notando-se a presença das mais ilustres famílias do Concelho.

Chegadas que foram as 11 horas realizou-se um Concurso Pecuário, cujo júri era presidido pelo Intendente Geral da Pecuária do Distrito de Coimbra, sendo atribuídos vários prémios a gado bovino, turino e suíno. Os exemplares premiados foram imensamente admirados.

Ao declinar do dia, cerca das 18 horas, começaram a juntar-se em frente à Alameda Carlos Reis os carros alegóricos às actividades do Concelho e Ranchos Regionais que haviam de constituir o cortejo mais interessante que no género se tem organizado nesta ubérrima Vila. O desfile iniciou-se às 19 horas. O espectáculo era deslumbrante. À frente do cortejo seguia um carro com a Comissão Central dos Joões, dentre os quais nos lembra ter visto os Ex.^{mos} Srs. Dr. João Dias, João Fernandes, João Alves Coelho, João Cipriano Tomate, João Neves Garcia e João Mateus Poiães. Nos seus rostos lia-se facilmente a alegria que lhes ia na alma, devido ao entusiasmo com que eram saudados por toda a multidão. Seguiu-se o carro dos Bombeiros Municipais, a Filarmónica dos Operários da Fábrica do Penedo, o carro da Quinta do Palácio, o da Quinta de S. Luiz do Freixo, o do Casal do Espírito Santo, o do Grupo Desportivo Lousanense, o da Mercenaria Artística, o da Auto Reparadora, o da Fábrica de Fiação e Tecidos, do Rio Ceira, L.da, o da C. E. B. e em alternadamente com os carros seguiam os Ranchos Regionais do Casal de Ermio, da Quinta de S. Luiz do Freixo e do Casal do Espírito Santo. A Filarmónica dos Operários da Fábrica do Papel do Penedo atacava com a maior harmonia uma vibrante marcha das muitas do seu vasto repertório, dando ao desfile vida, alegria e entusiasmo. Animado com os toques da Filarmónica e com os descantes dos Ranchos, o cortejo percorreu as ruas principais da Vila, formando finalmente em frente aos Paços do Concelho, onde aguardaram a atribuição dos prémios que lhes eram destinados.

O júri era presidido pelo consagrado artista Sr. Prof. Alvaro Viana de Lemos, que propositadamente se deslocou a esta terra para esse efeito. O primeiro prémio de Ranchos coube a Casal de Ermio, seguindo-se-lhes o da Quinta de S. Luiz do Freixo e Casal do Espírito Santo. Dos carros, mereceu o primeiro prémio o da Quinta de S. Luiz do Freixo, cabendo os restantes prémios aos carros da Auto-Reparadora, Fiação e Tecidos do Rio Ceira, L.da, Grupo Desportivo da Lousã, Quinta do Palácio, Mercenaria Artística, Casal do Espírito Santo e C. E. B.

À noite, no Largo da Biblioteca, a Filarmónica deu um esplêndido concerto, onde mais uma vez se afirmou a sua superior técnica musical, e a competência indiscuti-

No passado dia 25 do corrente partiram para a praia da Foz do Arelho as crianças que fazem parte do turno que este ano, à semelhança dos anteriores, o Sindicato organizou, apoiando assim mais uma vez a simpática e beneficente iniciativa da F. N. A. T.

As despesas com as quais conta o Sindicato para este efeito, são enormes, mas este organismo não quer deixar de testemunhar os seus melhores agradecimentos para com as entidades que, compreendendo bem o alcance desta obra, participaram com os seus donativos para a realização e bom êxito da mesma.

Barros & Irmão, Limitada ...	1.000\$00
Fernandes, Antunes & C. L. ^a	300\$00
V. ^a de José Tomaz Henriques	300\$00
Domingos Correia de Carvalho, Suc. ^a , Limitada ...	300\$00
Tomaz, Costa & Irmão, L.da...	300\$00
Adelino Gonçalves Estevão...	300\$00
Moreira & C. ^a ...	300\$00
Manuel Alves Ceppas ...	300\$00
Manuel Lopes Henriques & Filho, Limitada ...	200\$00
Manuel Barata Salgueiro ...	100\$00
Manuel Carvalho ...	100\$00
Alberto da Encarnação Coelho	100\$00
Fmídio Duarte Moreira ...	100\$00
Sociedade Industrial do Bolo, Limitada ...	50\$00
Manuel Rodrigues ...	50\$00
Vitória Fino, Sucessor ...	50\$00
Manuel Nunes Braz ...	50\$00
António Lopes Ladeira ...	30\$00
Joaquim Lopes Ladeira & Filhos, Limitada ...	30\$00
Marcolino Correia da Conceição & Companhia ...	30\$00
César Carvalho ...	10\$00
A transportar ...	4.000\$00

Da Secretaria do Sindicato comunicam que, de colaboração com a Comissão Municipal de Assistência, está em projecto a organização de mais dois turnos, dos quais um deve sair para a praia no próximo mês de Setembro, salvo motivo de força maior em contrário.

A PUBLICIDADE é comparada ao carburante de um motor. A PUBLICIDADE faz girar e progredir o Comércio e a Indústria.

vel do seu maestro sr. Carvalho. Com danças populares, músicas e fogos de artifício se encerrou este dia, já perto dos alvares do novo dia. Era este o destinado ao desafio de futebol entre os «Joões Casados» e os «Joões Solteiros», o primeiro, pois o segundo realizou-se no dia de S. Pedro, entre o Arouce-Praia e o Desportivo da Lousã, para a disputa da Taça «Os Joões».

Para finalizarmos esta já longa notícia, aprez-nos registar três actos de bondade que merecem louvores: o Sr. Adalberto Santos (Quinta do Palácio), ofereceu um bezerro que ia no seu carro, afim de ser vendido, revertendo metade do produto para a Comissão dos Joões e a outra metade para o Hospital de S. João desta Vila; o Sr. Dr. António de Seça Ferrer de Saldanha Moncada (Quinta de S. Luiz do Freixo), deu-lhe a importância do prémio do seu carro; por intermédio do Sr. dr. José Pinto Morais de Aguiar, recebeu a Comissão Central dos Joões 24 chailes e 25 cobertores do Socorro Social, para serem distribuídos pelos Joões Pobres.

Carreira Diária de Passageiros

BOLO—LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa
Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.^{da}
Séde—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pêra	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pêra	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa Auto-Lys R. da Palma-Tel. 21363

ALBERTO Lopes

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão, cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Pano no riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.

TRAPÓS

PARA A INDUSTRIA DE LANIFÍCIOS

L. FARGE, L.DA

RUA DO FREIXO, 1291 — PORTO

Telefones: Urbano 4494 e Estado 197

Endereço telegráfico: EGRAF—Porto

Casa especializada estabelecida há 40 anos em Portugal e há mais de 100 anos em Espanha

Logo que o restabelecimento da normalidade o permita, voltaremos a apresentar à nossa clientela os escolhidos algodões indianos que forneciamos antes da guerra e tão apreciados foram sempre pela indústria de lanifícios nossa cliente

AGENTES: (José Coelho Junior — Castanheira de Pêra — António Pereira Pais Espiga — Covilhã)

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Telefones P B X (Fábrica: 1 668 / Escritório: 1 313)

Endereço Telegráfico: DORATO

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

A maior organização do género no País

Fábrica e Escritório: Rua do Duque de Saldanha, 150 — PORTO

Liços metálicos, em aço. Grampos de aço temperado. Caixilhos (Perchadas) Malhões e Tirantes. Molas espirais. PENTES. Latas de Fibra Vulcanizada para Fiação. Cartões de Aço para Teares Romanos. Bobines em Madeira. Canelas. Lançadeiras de todos os tipos. Pinos de Madeira. Tempereiros. Pinças. Tezouras de Tecelão. Ganchos para coser Correias, etc.

Esta Casa tem sempre, para entrega imediata, todos os artigos de seu fabrico a PREÇOS CONVIDATIVOS.

AGENTE em CASTANHEIRA-DE-PERA: José Coelho Júnior — Telefone 16. Tem em Depósito os Nossos Artigos

CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.^a, L.^{da}
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Dr. Fernando Lacerda

Director da 1.^a Clínica de Oftalmologia do Dispensário Policlínico Central Ex-Assistente da Faculdade de Medicina (Instituto de Oftalmologia Dr. GAMA PINTO)

Doenças dos Olhos Operações

Calçada do Carmo, 6, 1. D. (Rossio) Telefone 2 2070

Lisboa

Consultas as 17 horas, excepto as 5.^{as} feiras

José Gomes

Médico I. dos Hospitais

Doenças da boca e dentes

Consultório: L. do Chiado, 15-1.^o Telefone: 2 3923 — LISBOA

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessiveis. Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.^o dt.^o e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

Manuel Brinc

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Rua Ferreira Borges, 162,

(À PORTAGEM)

Consultório 3039

Residência 3509

COIMBRA

CARTÕES

DE VISITA

E MAIS TRABALHOS

GRÁFICOS. OFICINA

DE O CASTANHEIRENSE

O Jornal VAI ao fim do Mundo. Com o Jornal pode ser conhecida a fama dos produtos que cada um fabrica ou vende.



Lar do Comércio

Esta prestimosa instituição, que no Porto tem a sua sede, na Praça República, festejou solenemente a passagem do seu décimo aniversário, que teve lugar em 26 do mês do, realizando-se duas sessões: a primeira na noite de 25, para inauguração da sua bandeira de gala, bordada a ouro, obtida por subscrição entre os associados, da iniciativa do Sr. João José da Cruz; a segunda missão de dez novos internados e distribuição de diplomas aos sócios honrosos e beneméritos. Na noite do dia 26, à noite, no Clube dos Inimigos, com uma conferência do distinto escritor Sr. Dr. A. de Magalhães Basto, que todos conhecemos pelas cintilantes crónicas do «Inimigo», intituladas «Falam Velhos Manuscritos», seguindo-se-lhe um espectáculo literário-musical por consagrados elementos da FNAT.

Com tão brilhante festa procurou a Direcção, coadjuvada por uma Comissão composta pelos srs. António Magalhães, Albino Teixeira Lopes, Raimundo Rodrigues Pereira e Emerenciano Baptista, proporcionar a todos os associados as noites de benemerência, cultura e arte, ao mesmo tempo que promoveu o desenvolvimento da lectividade, já de sobejo conhecida pela beleza da sua missão, mas a qual toda a propaganda é necessária, afim de que todos os profissionais do comércio — patrões e empregados — se alistem como sócios e velem pela sua conservação, pelo seu desenvolvimento, pela sua, enfim, que ainda lhes pode servir de precioso repouso velhice, se a desventura os perquirir.

Dada a sua finalidade nenhum empregado nem nenhum comerciante deviam deixar de ser sócios, e de tudo que há para albergar o termo da vida os que nada conseguiram amalhar, nada existe comparável a «O Lar do Comércio», no Porto, e a «Inválidos do Comércio», em Lisboa porque são a mais feita continuidade do próprio Lar, quando não melhor ainda, possuindo instalações modelares e proporcionam aos internados o melhor conforto e bem-estar.

Dentro de breves dias vai esta simpática colectividade distribuir o *Número Único* por todos os associados, Imprensa e outras entidades, no intuito de a todos o conhecimento exacto do que é «O Lar», já que nem todos o podem visitar como seria para desejar, e a *in-loco* formarem um juízo próprio da sua vida interna, da tranquilidade que paira nas almas e agasalha.

E' de desejar, portanto, que cada um faça, com esse *Número Único*, a melhor propaganda, recolhendo o maior número possível de novos sócios.

José Bebiano C. H. Silva

— ADVOGADO —
Castanheira-de-Pêra

segundas-feiras em
FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS

A alegria de viver...

Por SOEIRO DA COSTA

Como não hade ser triste todo aquêl que só trabalha e sem que alguma vez, por culpa da usura e egoísmo humanos, possa conhecer horas de recreio e deleite espiritual?!

Quando, a despeito de inaudito esforço humano, nada mais se consegue que ter minguado e deficiente alimento, pobre vestuário, semi-andrajoso, porque lhe é devorado pelo excessivo lucro de uma criminosa exploração, que permite a outrem tanto festim e luxuosa indumentária e a bacanal do gôso, como sentir a alegria de viver, que almas bem intencionadas sentiriam desejos de vêr participar o seu semelhante?...

Se todavia — quantos passos e providências honestas dados nesse sentido — o que fica para a tristeza daqueles que os enobrece sentimentos de pura humanidade e nobreza moral!!

A alegria de viver!...

Quem não hade estimar e louvar tudo o que se vem constatando a bem dêsse ideal humano — que amenisa o viver do homem que labuta dia a dia — e por vezes em condições dolorosas — na iminência de riscos graves — em que a saúde e a vida perigam?!

Sobre êste ponto culminante de assistêcia moral aos que trabalham — momentoso assunto da vida social presente e futura — onde o jornalista Luiz Bonifácio — em quem se adivinha uma mentalidade de largos recursos, quando hoje aos 21 anos (!) tão prometedoramente se revela — a Soeiro da Costa — a quem os variadíssimos casos de notória actualidade particularmente interessam e obrigam a ponderado e reflectido estudo.

— O que pensa o sr. Soeiro da Costa sobre a alegria de viver que um novo idealismo social procura levar a tóda a massa trabalhadora?

— Pensamento nobilíssimo, como, aneio naturalíssimo nas almas bem formadas, sãs e justas. Não pode ser outro o meu modo de vêr sobre o elevado objectivo que constato ter-se em vista na prometida «alegria de viver» — à massa trabalhadora.

Não se pensa em desviar o homem do dever primacial — da sua mais imperiosa obrigação — como elemento da vida social: — Trabalhar — para poder constituir-se em célula com justos direitos — em que por tal — se entende o de poder e dever participar da «alegria de viver» — onde aufere os justos e naturais prazeres da vida — que não contrastem nem façam perigar a Moral — que produz a boa harmonia e a legitimidade de interesses e direitos no todo social.

«A alegria de viver» — obtem-se da comunhão leal e sincera na obrigatoriedade da quotização mínima — de todos aquêles que a podem vir a utilizar, sem sacrificio e sem exploração, obtida de seus próprios recursos em quaiquer recreios e divertimentos — sustentados e mantidos à custa da mesma quotização, sem a interferência de quaisquer elementos de exploração ou usura, que não cabe na verdadeira «alegria de viver» que o elemento trabalhador deseja conseguir, pois que êle vai buscar distrações para no dia immediato e sehuintes não saber como acudir ao seu natural sustento e à decência de vestuário.

Gozou — honesta e dignamente — e não fêz perigar a sua vida habitual e a da família de que é amparo.

E não está bem — que a «alegria de viver» — apenas interesse a certos de determinada grei — o que daria uma desigualdade revoltante e lucros em conformidade com o objectivo, pensamento e fins que visa.

«A alegria de viver» — tem que ser condicionada e orientada em fins morais e humanitários — sem distincção dos que dela devam aproveitar, — olhando a que é um bem que fortalece a grande família dos que trabalham e que sendo um honesto direito que consegue à sombra de uma quotização entre todos os seus membros melhor os apròxima, identifica e irmana na comunidade de viver que tem de ser feita em moldes da mais fraterna amizade.

Jámais — queremos que continuem a subsistir desavenças ou desinteligências entre os componentes sociais — e isso se consegue pela justa concessão e imposição de *direitos e deveres*.

A Moral — a sã Moral — deve ser a única reguladora dos princípios estatutários do viver social — a que todos tem o imperioso dever de obedecer, como garantia própria e da Comunidade em geral.

Do Coentral a Santo António da Neve

(Continuado da página anterior)

Nòvamente no Coentral estamos devêras satisfeitos pelo lindo passeio empreendido, e sentimentos possuídos de um outro espírito em que existe mais optimismo, mais coragem e energia para o pros-

seguimento na árdua luta pela existência.

O local é lindo, o panorâma deslumbrante, os seus ares e águas magníficos; por isso um passeio àqueles sítios é sempre salutar e faz bem a todos aquêles que, por por alguns momentos, queiram esquecer as adversidades e contingências da vida.

J. Alves Barata

O TRABALHO contém em si alegrias severas que são a saúde da alma e do corpo. Também, nesta luta gloriosa da Arte à conquista do Belo, aquele que parte com as mãos cheias de ouro tem menos a certeza de chegar ao seu destino do que o que parte com elas cheias de esperança. — Arsène Houssaye

SE tiverdes um bom coração e tiverdes também espírito, serviv-vos-á o primeiro para ser enganado, e o segundo para reconhecer que o haveis sido. — A

Notícias de Figueiró

(Continuação da pág. anterior)

FALECIMENTOS

No dia 29 de Maio último, faleceu nesta vila, após sofrimento doloroso, a senhora Albertina Maximina, espôsa do sr. Bento Caetano de Oliveira, industrial de barbearia, irmã do sr. Manuel Simões Fidalgo e da senhora Laura Fidalgo e tia do nosso assinante sr. Alfredo dos Santos Conceição.

A finada gozava de muita simpatia pelas suas qualidades de bondade.

Muito especialmente ao sr. Bento Caetano de Oliveira e nosso prezado assinante sr. Alfredo dos Santos Conceição, as nossas sentidas condolências.

Causou aqui imensa consternação a notícia recebida no dia 26 de Maio, do falecimento ocorrido em Lourenço Marques do nosso conterrâneo Aníbal da Conceição Fonseca que há perto de um ano ali se encontrava. Aníbal Fonseca, foi, durante muito tempo, um elemento de valor no meio desportivo figueiroense. Era um rapaz trabalhador; gozava de muita simpatia e naquela cidade era já bastante conhecido.

Quando da sua partida para Lourenço Marques, o meio desportivo figueiroense promoveu uma festa em sua homenagem e de outro nosso conterrâneo que o acompanhou, tendo ainda presente a saudade daquêl rapaz que partiu cheio de esperança.

Aos pais, srs. Joaquim Fonseca e Violinda da Conceição, nesta vila, endereçamos o cartão de sentida dôr. — Davis.

N. da R. — As presentes notícias de Figueiró são publicadas com atraso pelo motivo de se ter «empastelado» uma das páginas do penúltimo número do nosso jornal, de cuja composição fazia parte o original que hoje publicamos. Contamos com a benevolência dos nossos estimados assinantes de Figueiró-dos-Vinhos, e com o perdão do nosso solícito correspondente naquela vila.

UM ROMANCE SOCIAL

TOUPEIRAS HUMANAS

da algarvia Marizabel Xavier de Fogaça, também autora de MANUELA (3.ª edição). E' simultaneamente um romance de amor e um amor de romance.

Na mesma colecção amarela:

A História daquela Torre

(2.ª edição) de Mariac Dimbla

QUERO-TE ASSIM, MULHER!

da espanhola Rosa de Nancy

À venda nas Livrarias e principais Tabacarias do País

Noticias de Figueiró

Do COENTRAL a

Santo ANTÓNIO DA NEVE

Treze de Junho. O dia, embora um pouco fresco, surge no entanto lindo, como lindos são quasi todos os dias de Primavera.

Manhã cedo, ainda mal se descortinam os primeiros raios solares, nota-se já a passagem de grupos de forasteiros que se fazem acompanhar dos respectivos farnéis e vão cheios de animação.

E' o dia da romaria a Santo António da Neve, que se venera na sua típica Capela do Cabeço do Pereiro, em frente do Trevim, a quem vão render seu culto e ao mesmo tempo gozar as inconfundíveis belezas naturais que aquêlê lindo local oferece.

No número d'esses forasteiros estamos nós também que, como apaixonados que somos por passeios a locais daquela natureza, não podíamos deixar de até lá nos deslocar.

São dez horas quando eu e os meus amigos partimos, prontos para a jornada que nos propomos empreender.

O sol estende-se agora pelas encostas, enquanto o vento, que ao romper do dia era agreste, se converteu agora numa brisa suave que corre ligeiramente, tornando, dêste modo, a temperatura agradabilíssima.

Iniciamos a nossa marcha pela pedregosa estrada, e depois de alguns metros andados enveredamos pelo íngreme e não menos pedregoso carreiro, aberto por entre o mato, à beira do qual se abrem, por vezes, pequenos abismos que ao mais leve descuido poderão dar lugar a desastrosa queda.

Não obstante, êle é percorrido com relativa facilidade, e, quasi sem darmos por tal, estamos em plena serra donde se avista já um bonito horizonte. No alto da montanha vêem-se grupos de gente que se encaminha para o local; donde se salientam as mulheres e raparigas pelos seus trajes geralmente garridos, que assim vistos de loge têm um aspecto típico, verdadeiramente provinciano.

Mais alguns metros de caminho e eis-nos em frente da velha capela, rodeada pelo conjunto pitoresco e belo dos antigos poços da neve e de tudo o que torna verdadeiramente lindo aquêlê magnifico local.

Uma vez ali chegados vamos visitar o glorioso Santo António e, depois disso, tomamos lugar na fresca relva, à sombra das frondosas carvalhas, donde podemos apreciar tudo o que nos rodeia.

A animação é já regular e vai aumentando à medida que novos ranchos de gente se aproximam. Aqui e além ouve-se o som do tradicional harmónio a que se junta a voz melodiosa de um ou outro forasteiro que canta animadamente.

O tempo continua sereno, extremamente propício à permanência naquelas paragens.

Pela volta das 13 horas começam as solenidades religiosas; a capela está repleta de fiéis que assistem à missa e sermão, de que é celebrante o pároco desta freguesia rev. Tomás da Costa Paiva. Segue-se a procissão em volta da capela, em que se entõem cânticos religiosos e na qual se encorporam quasi todas as pessoas ali reunidas.

Todas as solenidades são simples, sem grande cerimónia, e portanto se limitam ao que acabamos de expôr, ou pouco mais.

Volta-se novamente para a sombra das vetustas carvalhas onde sôbrea relva fresca e viçosa se estendem toalhas em que se vai servindo o conteúdo de cabazes ou cestos de vêrga, e que consta principalmente: da perna de cabrito assada; das fatias de pão fritas com ovos; das tradicionais filhós; pão, queijo, etc., e onde não falta também o inseparável sumo de uva para regar tôda aquela diversidade de alimentos.

Tudo decorre satisfatoriamente, num ambiente de verdadeira fraternidade, constituindo um autêntico prazer comer, ainda que modestamente, em paragens daquela natureza.

Uma aragem levíssima continua correndo como que para tornar mais delicioso ainda o já belo ambiente.

Ouvem-se novos acordes de harmónio e, logo a seguir, formam-se grandes rodas de pares que dansam animadamente e se prolongam quasi até ao fim da tarde. A mocidade tem assim ensejo de dar largas à sua alegria, dançando e cantando; mas todos os divertimentos decorrem na melhor ordem, sem qualquer litigio digno de menção.

Já lá vão tempos em que era raro o ano que não houvesse estúpida pancadaria, quasi sempre motivada por desentendimentos suscitados nos bailes, e em que o alcóol entrava como principal protagonista; mas hoje o povo está um pouco mais civilizado e, assim, é raro verificarem-se distúrbios.

Pela tarde volta-se a comer — e já com um certo apetite, motivado pelos magnificos ares e pelas puras e fresquissimas águas que no local brotam espontaneamente.

O Sol está prestes a desaparecer no ocidente e, em consequência disso vê-se gente que começa a debandar. Entretanto, regressamos também depois de mais uma volta ao local; retomando o caminho só lamentamos que o dia não tivesse sido ainda maior para que pudessemos apreciar ainda melhor todo aquêlê deslumbrante conjunto de belezas que a Natureza oferece.

(Continua na página adiante)

MEZ DE MARIA

No dia 26 de Maio findo, teve lugar nesta vila a Festa em honra de Nossa Senhora de Fátima, que decorreu com muito brilho.

Constou de missa solene, às 13 horas, sendo celebrante o rev. padre Rosa, coadjuvado pelos rev. padres Acúrcio Lacerda, Aníbal da Graça e de Vila Facaia, tendo no momento próprio subido ao púlpito o nosso arcepreste, sr. padre António Inglez que com a sua facilidade de palavra e vastos conhecimentos maravilhou, durante uma hora e tal, o numeroso auditório.

Todas as cerimónias decorreram com um brilho invulgar, e justo é fazermos referência ao grupo coral privativo da igreja que executou um programa escolhido, sob a direcção do regente da banda, sr. Oliveira.

A igreja que durante o mês de Maio se conservou ornamentada artisticamente, cuja decoração para êste dia sofreu modificações, ainda, com fino gôsto digno de elogio, a quem tomou a seu cargo o trabalho necessário a um empreendimento tão grande como êste, muito especialmente na capela-mór que oferecia um aspecto deslumbrante, uma maravilha de luz e côr, iniciativa e execução do sr. Francisco Albuquerque Sequeira, vendo-se ao fundo, invisivelmente suspensa, uma cruz em luzes, um pouco mais em frente, entre verdura e muitas flores, a imagem de Nossa Senhora de Fátima, crianças vestidas de anjo distribuídas pelos diversos lugares, um pouco mais em frente um altar cheio de luzes onde foi celebrada a Missa Solene, a concorrência de de fiéis, enfim — tudo muito lindo, tudo encantador.

À tarde realizou-se a procissão, com muita ordem, com grande acompanhamento, seguindo pela Banda Municipal, que constituiu uma grande manifestação de fé.

A devoção do Mez de Maria seguiu-se até ao último de Maio e, neste dia, o «Adeus a Maria», foi um encanto, e se no dia 26 as festas se revestiram de muita beleza, devemos salientar que no dia 31 houve muita lágrima de saudade, cuja despedida foi sublime pela sua religiosidade, pela sua concorrência e sacrificio de tanta e tanta gente que de longe veio assistir, prestando, assim, homenagem de agradecimento à Virgem Nossa Senhora de Fátima, Mãe de Deus e nossa Mãe, rezando-lhe com a fé mais profunda, mais arraigada que se pode imaginar, manifestando dêste modo os fiéis o seu desejo de que em nossas casas, em nossos corações, entre e viva Nossa Senhora de Fátima.

O povo da nossa terra tem fé, devoção para com Nossa Senhora de Fátima, e esta manifestação foi prova da sua crença pela Rainha, pela nossa Madrinha, pela nossa Advogada.

Foi um mês de trabalho e de despeza que o nosso rev. arcepreste melhor do que nós sabe, mas foi um mês de festas que em lugar de destaque o coloca na nossa Diocese. A Festividade do Mez de Maria deve-se-lhe há trinta anos.

Aqui se lhe agradece sinceramente, e certos que da sua parte há muito e muito contentamento, nós nos confessamos todos unidos à sua volta.

MÁRIO D. FERREIRA

Acompanhado de sua Ex.^{ma} Espôsa, encontra-se nesta vila o Sr. Mário Denis Ferreira, importante armazenista de lanifícios em Lisboa, em visita a seus pais: Srs. Francisco Rodrigues Ferreira e D. Palmira Alves Denis Ferreira, nossos muito e muito conceituados assinantes.

Cumprimentos.

REVISTA DE INSPECÇÃO

Aviso aos militares disponíveis e licenciados:

Os militares disponíveis e licenciados que se encontram fora do seu domicílio oficial por terem ido procurar trabalho noutra lugar, podem apresentar-se no corrente ano à revista anual de inspecção nas secretarias das unidades ou estabelecimentos militares da área da sua residência eventual e nas comissões encarregadas das mesmas revistas nas sedes dos concelhos, desde que a sua apresentação se faça até ao dia marcado para a revista na freguesia do seu domicílio, e apresentem um atestado passado pela autoridade administrativa da freguesia onde eventualmente se encontrem, que comprovem residir no concelho há mais de 60 dias os militares disponíveis, e há mais de 180 os licenciados.

E' obrigatória a apresentação, como se sabe, da caderneta militar e dos artigos de fardamento. Desde que o indivíduo esteja ausente do seu domicílio, sem conhecimento da autoridade militar, além dos 60 e 180 dias acima mencionados, não aproveita desta concessão.

Para o indivíduo saber se pode ou não apresentar-se à revista no concelho onde se encontra, tendo especial atenção ao prazo que lhe dá direito à apresentação à revista, deve informar-se com tempo, se no concelho do seu domicílio se deu ou não, porque, no caso afirmativo cometeu falta à revista e está sujeito às consequências.

Esta determinação é datada de 29 de Maio último em Circular n.º 15866 do 1.ª Direcção Geral — 3.ª Repartição, 1.ª Secção — Ministério da Guerra para o Regimento de Infantaria n.º 15 — Tomar, e enquanto não houver outras disposições, é aplicável no corrente ano apenas.

Aqui fica.

INTERROGANDO...

Não será possível fazer-se inspecções à carne um pouco mais cedo no dia da venda ao público quando no mesmo dia da matança não haja vagar para isso?

E ao peixe o mais cedo possível após a sua chegada à praça?

Acabamos com êste flagêlo às donas de casa...

E aos funcionários públicos, que no seu maior número são forçados a almoçarem antes das 11 horas não poderá ser aberta uma excepção de forma a poderem comprar carne ou peixe sem a maldita hora da vez?

Com boa vontade tudo se fazia

(Conclui na página adiante)

CARTÕES DE VISITA, executam-se nas oficinas deste jornal. Rapidez e perfeição.

Respigos...

CAMILO,
subalterno
do EÇA?

EU pasmo ao vê- como há espíritos cultos, mentalidades robustas, artistas e críticos de grande sensibilidade, ou que manifestam grande sensibilidade, e que se deixam conduzir, ou auto conduzir, por falas ou inconsistentes miragens de apologistas que pretendem criar uma certa subalternidade de Camilo Castelo Branco — «O Maior de Todos» — a favor de Eça. Isto é nau. E' uma injustiça grave, um disparate flagrante, com o que se tenta propriamente contra a memória dos nossos dois grandes escritores. Digo dos dois porque o próprio Eça de Queiroz revoltar-se-ia contra essa flagrante injustiça!

— Você que pensa sobre o assunto, ó Gabriel Marques? Você — que se tem dedicado ao estudo dos escritores nacionais de boa raça — não reconhece como é flagrante a espantosa supremacia de Camilo, não só sobre Eça, como de todos outros grandes escritores?

— Sim. Reconheço essa verdade. Camilo Castelo Branco é, na realidade, o Maior de Todos. Camilo, em assentadas de vernaculismo, de sentimentalismos delirantes e de sarcasmo, deu-nos a novela apaixonada, a narrativa rústica, o romance realista, as páginas históricas, as prosas eruditas, a polémica razante e, neste desdobramento prodigioso da sua inteligência, das suas faculdades intelectuais do seu dinamismo literário, soube arrancar-nos gargalhadas estrepitosas, lágrimas de dor e de revolta e momentos de inesquecível fervor espiritual. Por isso, éle é o Mestre, o Maior de Todos!

— Tocou todos os temas, meu caro Gabriel Marques. E foi grande em todos êles. Romance, novela, polémica, história, genealogia, poesia, religião, epistolografia, teatro... Foi moralista, ironista, clássico, realista... Eu sei cá? E teve, sobre tudo, êste dom fantástico, único, extraordinário: teve, a um tempo o dom do riso e das lágrimas!

Sabe você, Gabriel Marques? Eu admiro tanto o grandeza do incomparável Génio de S. Miguel de Seide, que considero a admiração camiliana, a mais sublime das adorações literárias!

— E eu julgo — respondeu Gabriel Marques — que todo aquê que se presa de ser culto, tem o dever de conhecer a Obra de Camilo Castelo Branco — o gigante literário de S. Miguel de Seide!

— Pois isso assim é, meu caro. Mas creia você nisto: há tanta gente inculta em Portugal... Digo-lhe mais: Há tanto literato inculto em Portugal!

Luiz Barradas (Almedina)
(Excerpto de um livro em preparo)

O RÉCLAMO traz a Fama! Anunciando alcançará êxito!

Seguros EM TODOS OS RAMOS
Nas melhores Companhias, nacionais e estrangeiras

José Coelho Júnior. Cast.ª-de-Pêra

≡ Dos CTT aos ≡ usuários de todo País

«Temos a honra de enviar a V. Ex.ª, em nome do Senhor Secretário Nacional da Informação, uma nota da Administração Geral dos CTT, cuja publicação muito agradecemos, pelo interesse que apresenta para o público.»

Uma comunicação que a todos interessa porque todos utilizam os serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones.

O actual período da paz não modificou, sensivelmente, o reduzidíssimo movimento de trocas entre os diversos países. Os CTT continuam aguardando, por êsse motivo, o fornecimento de grandes quantidades de material e aparelhagem há muito encomendados. Sem material nem aparelhagem não podem melhorar as actuais condições dos seus serviços.

Nos últimos seis anos acrescentaram a sua rede de telecomunicações com 45 mil quilómetros de circuitos e no ano corrente com mais 2 mil e 400 quilómetros, além de quasi 6 mil em montagem. Dispendem assim um esforço supremo para atenuar as circunstâncias desfavoráveis do presente, verificando todavia que todas as providências já adoptadas e as que estão sendo tomadas com urgência não virão a produzir, na próxima época de verão em que o tráfego se multiplicará como sempre sucede, sequer um aproximado equilibrio entre a procura do público e a capacidade dos serviços.

Estas circunstâncias desalentadoras vão dar lugar a muitos transtornos e prejuizos, só atenuados pela demonstrada dedicação dos serviços que vem exaurindo todos os seus recursos para conseguirem dominar, até onde humanamente possível, uma situação delicada produzida por velhas causas.

Mais do que nunca a cooperação do público é indispensável. Mais do que nunca ela deixará de ser uma contribuição voluntária para constituir dever indeclinável de todos. Essa cooperação poderá efectivar-se observando cada um conscienciosamente o seguinte:

- 1.º — Utilizar os serviços nas horas de menos movimento.
- 2.º — Reduzir ao mínimo a duração dos telefones e o número de palavras dos telegramas.
- 3.º — Recorrer a telegramas e telefones urgentes apenas nos casos plenamente justificados. Procedimento contrário, como se tem verificado, só aglomera uma quantidade de serviço desta categoria que anula todas as vantagens da prioridade regulamentar.

Mais, porém, é necessário. Os CTT continuam dando a sua melhor atenção às reclamações do público, que desejam conhecer quando justificadas, mas:

— Serão inúteis as reclamações contra demoras no estabelecimento de ligações telefónicas ou na transmissão de telegramas, quando atribuíveis a falta de capacidade das redes e instalações;

— Serão inoportunos todos os pedidos de novas construções ou de instalação de novas estações e postos.

Tais reclamações e pedidos, na época actual, não podem resultar pela forma que o público e os CTT desejariam; não servem os interesses dos seus signatários nem os da Administração Geral. Apenas darão lugar a perdas de tempo reciprocas.

Os CTT confiam no espírito de compreensão de que os portugueses têm dado provas em diferentes emergências dos últimos anos, e lembram, ainda, a irresponsabilidade da Nação nos factos que vêm originando o regime de restrições em que se vive dentro e fora de Portugal.»

PENSÃO FAMILIAR

Castanheira-de-Pêra
Almoços. Jantares. Pensão completa
A'gua corrente. Casa de banho

Telefone:

Eduardo Silva
CASTANHEIRA DE PÊRA

UM TRÊS

Dr. Albano Coelho INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta.

Operações

Cadçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio)
Telefone 22070

LISBOA

Consultas as 17 horas

Notas Bibliográficas

O Grilo da Lareira, por Charles Dickens — Editorial «Gleba», Limitada - Rua da Madalena, 211 --- Lisboa.

Traduzido por Margarida Barbosa apareceu, na colecção «Contos e novelas» o vigésimo terceiro volume: é «O Grilo da Lareira».

Charles Dickens, escritor inglês que viveu durante o século passado legou à posteridade de algumas obras de invulgar merecimento, dentre as quais citaremos o conhecido «Livro do Natal». Este livro é constituído por vários pequenos romances e um destes é «O Grilo da Lareira» cuja leitura acabámos de fazer.

Nas cento e setenta e nove páginas do volume, há uma pluralidade impressionante de sentimentos revelados pelas personagens que representam a acção. Mas quanto a nós, nada sobreleva o papel desempenhado Calebe pela filha cega. E' extraordinário!

Como romance de costumes «O Grilo da Lareira» tem valor especial, pois o leitor vai viver junto dum família de almocreves onde convergem outras que nos dão bem a noção da sociedade inglesa da época.

Dickens escreve com graça e subtileza. Vai do drama à comédia, não transformando um ou outro nem em desgraça irreparavel nem em palhaçada ridícula. Após a leitura fica-se satisfeito, o que é muito de desejar para os dias que vão correndo.

A colecção «Contos e Novelas» valoriza-se cada vez mais em virtude da cuidada secção de autores e obra que está sendo feita.

Aconselhamo-lo aos nossos leitores.

Marcus

Nesta secção far-se-á a crítica literária de todos os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

O IMPRESSO

BEM executado realça!
Fazemos bons impressos.

Henrique Lacerda

ADVOGADO
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONE 2

Em Pedrógão Grande:

A'S SEGUNDAS-FEIRA

Aos Assinantes

Solicitamos dos nossos considerados Assinantes de Africa, Brasil e Américas, a especial atenção que antecipadamente agradecemos, de satisfazerem as suas assinaturas por intermédio de pessoas residentes em Portugal, evitando-nos, dêste modo, despesas e demoras no acerto de uma regular cobrança.

Esperando da reconhecida benevolência dos nossos subscritores mais esta deferência, reforçamos o nosso reconhecido: muito obrigado.

Respigos...

CAMILO,
subalterno
de EÇA?

EU pasmo ao vê-
como há espí-
ritos cultos,
mentalidades robustas,
artistas e críticos
de grande sensibilidade,
ou que manifestam grande
sensibilidade, e que se deixam
conduzir, ou auto conduzir, por fal-
sas ou inconsistentes miragens de
apologistas que pretendem criar
uma certa subalternidade de Camilo
Castelo Branco — «O Maior de
Todos» — a favor de Eça. Isto é
nau. E' uma injustiça grave, um
disparate flagrante, com o que se
tentava propriamente contra a me-
mória dos nossos dois grandes es-
critores. Digo dos dois porque o
próprio Eça de Queiroz revoltar-se-
ia contra essa flagrante injustiça!

— Você que pensa sobre o assun-
to, ó Gabriel Marques? Você — que
se tem dedicado ao estudo dos es-
critores nacionais de boa raça —
não reconhece como é flagrante a
espantosa supremacia de Camilo,
não só sobre Eça, como de todos
outros grandes escritores?

— Sim. Reconheço essa verdade.
Camilo Castelo Branco é, na reali-
dade, o Maior de Todos. Camilo,
em assentadas de vernaculismo, de
sentimentalismos delirantes e de
sarcasmo, deu-nos a novela apai-
xada, a narrativa rústica, o romance
realista, as páginas históricas, as
prosas eruditas, a polémica razante
e, neste desdobramento prodigioso
da sua inteligência, das suas facul-
dades intelectuais do seu dinamis-
mo literário, soube arrancar-nos
gargalhadas estrepitosas, lágrimas
de dôr e de revolta e momentos de
inesquecível fervor espiritual. Por
isso, êle é o Mestre, o Maior de
Todos!

— Tocou todos os temas, meu
caro Gabriel Marques. E foi grande
em todos êles. Romance, novela,
polémica, história, genealogia, poe-
sia, religião, epistolografia, teatro...
Foi moralista, ironista, clássico, rea-
lista... Eu sei cá? E teve, sobre
tudo, êste dom fantástico, único,
extraordinário: teve, a um tempo o
dom do riso e das lágrimas!

Sabe você, Gabriel Marques? Eu
admiro tanto o grandeza do incom-
parável Génio de S. Miguel de
Seide, que considero a admiração
camiliana, a mais sublime das ado-
rações literárias!

— E eu julgo — respondeu Ga-
briel Marques — que todo aquê
que se presa de ser culto, tem o
dever de conhecer a Obra de Ca-
milo Castelo Branco — o gigante
literário de S. Miguel de Seide!

— Pois isso assim é, meu caro.
Mas creia você nisto: há tanta gen-
te inculta em Portugal... Digo-lhe
mais: Há tanto literato inculto em
Portugal!

Luiz Barradas (Almedina)
(Excerpto de um livro em preparo)

O RÉCLAMO traz a
Fama! Anunciando
alcançará êxito!

Seguros EM TODOS
OS RAMOS
Nas melhores Companhias,
nacionais e estrangeiras

José Coelho Júnior. Cast.ª-de-Pêra

≡ Dos CTT aos ≡ usuários de todo País

«Temos a honra de enviar a V. Ex.ª, em nome do Senhor Secre-
tário Nacional da Informação, uma nota da Administração Geral
dos CTT, cuja publicação muito agradecemos, pelo interesse
que apresenta para o público.»

Uma comunicação que a todos interessa porque todos
utilizam os serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones.

O actual período da paz não modificou, sensivelmente,
o reduzidíssimo movimento de trocas entre os diversos países.
Os CTT continuam aguardando, por êsse motivo, o forneci-
mento de grandes quantidades de material e aparelhagem há
muito encomendados. Sem material nem aparelhagem não po-
dem melhorar as actuais condições dos seus serviços.

Nos últimos seis anos acrescentaram a sua rede de tele-
comunicações com 45 mil quilómetros de circuitos e no ano
corrente com mais 2 mil e 400 quilómetros, além de quasi
6 mil em montagem. Dispendem assim um esforço supremo
para atenuar as circunstâncias desfavoráveis do presente, veri-
ficando todavia que todas as providências já adoptadas e as que
estão sendo tomadas com urgência não virão a produzir, na
próxima época de verão em que o tráfego se multiplicará como
sempre sucede, sequer um aproximado equilíbrio entre a pro-
cura do público e a capacidade dos serviços.

Estas circunstâncias desalentadoras vão dar lugar a mui-
tos transtornos e prejuízos, só atenuados pela demonstrada de-
dicação dos serviços que vem exaurindo todos os seus recursos
para conseguirem dominar, até onde humanamente possível,
uma situação delicada produzida por velhas causas.

Mais do que nunca a cooperação do público é indispen-
sável. Mais do que nunca ela deixará de ser uma contribuição
voluntária para constituir dever indeclinável de todos. Essa
cooperação poderá efectivar-se observando cada um conscien-
ciosamente o seguinte:

- 1.º — Utilizar os serviços nas horas de menos movimento.
- 2.º — Reduzir ao mínimo a duração dos telefones e o número
de palavras dos telegramas.
- 3.º — Recorrer a telegramas e telefones urgentes apenas nos
casos plenamente justificados. Procedimento contrário,
como se tem verificado, só aglomera uma quantidade
de serviço desta categoria que anula todas as vanta-
gens da prioridade regulamentar.

Mais, porém, é necessário. Os CTT continuam dando a
sua melhor atenção às reclamações do público, que desejam
conhecer quando justificadas, mas:

— Serão inúteis as reclamações contra demoras no estabe-
lecimento de ligações telefónicas ou na transmissão de telegramas,
quando atribuíveis a falta de capacidade das redes e instalações;

— Serão inoportunos todos os pedidos de novas construções
ou de instalação de novas estações e postos.

Tais reclamações e pedidos, na época actual, não podem
rezultar pela forma que o público e os CTT desejariam; não
servem os interesses dos seus signatários nem os da Adminis-
tração Geral. Apenas darão lugar a perdas de tempo reciprocas.

Os CTT confiam no espírito de compreensão de que os
portugueses têm dado provas em diferentes emergências dos
últimos anos, e lembram, ainda, a irresponsabilidade da Nação
nos factos que vêm originando o regime de restrições em que
se vive dentro e fora de Portugal.»

PENSÃO FAMILIAR

Castanheira-de-Pêra
Almoços. Jantares. Pensão completa
A'gua corrente. Casa de banho

Telefone:

Eduardo Silva
CASTANHEIRA DE PÊRA

UM TRÊS

Dr. Albano Coelho INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta.
Operações
Cadaçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio)
Telefone 22070

LISBOA
Consultas as 17 horas

Notas Bibliográficas

O Grilo da Lareira, por Charles Di-
ckens — Editorial
«Gleba», Limitada - Rua da Ma-
dalena, 211 --- Lisboa.

Traduzido por Margarida Bar-
bosa apareceu, na colecção «Contos
e novelas» o vigésimo terceiro vo-
lume: é «O Grilo da Lareira».

Charles Dickens, escritor inglês
que viveu durante o século passado
legou à posteridade de algu-
mas obras de invulgar merecimento,
dentre as quais citaremos o conhe-
cido «Livro do Natal». Este livro é
constituído por vários pequenos
romances e um destes é «O Grilo
da Lareira» cuja leitura acabámos
de fazer.

Nas cento e setenta e nove pá-
ginas do volume, há uma plurali-
dade impressionante de sentimentos
revelados pelas personagens que
representam a acção. Mas quanto a
nós, nada sobreleva o papel desem-
penhado Calebe pela filha cega. E'
extraordinário!

Como romance de costumes «O
Grilo da Lareira» tem valor espe-
cial, pois o leitor vai viver junto
duma família de almocreves onde
convergem outras que nos dão bem
a noção da sociedade inglesa da
época.

Dickens escreve com graça e
subtileza. Vai do drama à comédia,
não transformando um ou outro
nem em desgraça irreparavel nem
em palhaçada ridícula. Após a lei-
tura fica-se satisfeito, o que é muito
de desejar para os dias que vão
correndo.

A colecção «Contos e Novelas»
valoriza-se cada vez mais em vir-
tude da cuidada secção de autores
e obra que está sendo feita.

Aconselhamo-lo aos nossos lei-
tores.

Marcus

Nesta secção far-se-á a crítica
literária de todos os livros de que
nos sejam enviados dois exempla-
res.

O IMPRESSO

BEM executado realça!
Fazemos bons impressos.

Henrique Lacerda

ADVOCADO
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONE 2
Em Pedrógão Grande:

A'S SEGUNDAS-FEIRA

Aos Assinantes

Solicitamos dos nossos considera-
dos Assinantes de A'frica, Brasil e
Américas, a especial atenção que an-
teciadamente agradecemos, de satis-
fazerem as suas assinaturas por inter-
médio de pessoas residentes em Por-
tugal, evitando-nos, dêste modo, des-
pesas e demoras no acerto de uma
regular cobrança.

Esperando da reconhecida bene-
volência dos nossos subscritores mais
esta deferência, reforçamos o nosso
reconhecido: muito obrigado.

Manuel Alves Barata

Fábrica de meias, peúgas e luvas de lã

(MOVIDA A ELÉTRICIDADE)

CASTANHEIRA-DE-PERA
COENTRAL GRANDE



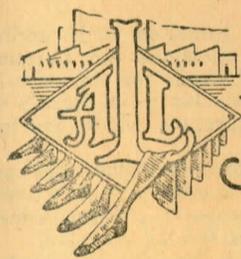
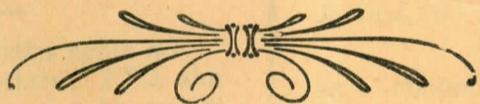
Marcolino Alves Tomás

— Fabricante de Lanifícios —

Especialidade em :

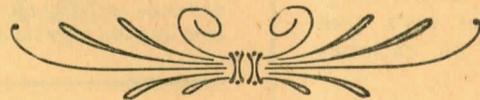
Buréis, Chalaria, Sorrubecos e Xadrezes

Troviscal **CASTANHEIRA DE PERA**



Antonio Lopes Ladeira

FABRICANTE DE MEIAS PEUGAS
LUVAS TAPETES E CARPETES DE Lã
COENTRAL - CASTANHEIRA DE PERA



Marcolino Correia da Conceição & Adelino Carlos Henriques

— Fábrica de Lanifícios —

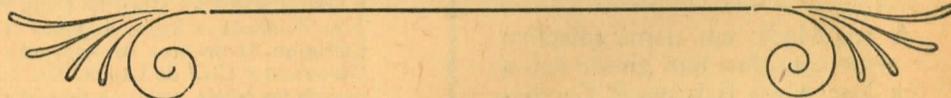
Sorrubecos, Bureis, Tricóts e Chalaria

Troviscal **CASTANHEIRA-DE-PERA**

Joaquim Ferreira

Fabricante de meias, peúgas e luvas de lã

PERA = Castanheira de Pêra



José Antunes

Fábrica de Barretes

Meias — Peugas — Camisolas e Luvas de Lã

SARNADAS

Castanheira de Pêra



Alfredo Correia

Fabricante de Lanifícios

Castanheira de Pera

Troviscal



Diamantino Carvalho

Fabricante de Meias
Peugas e Luvas de Lã

PERA = Castanheira de Pêra



Sociedade de Lanifícios da Foz, Limitada

Por escritura pública de 25 de Abril de 1946, lavrada a folhas 37 verso e seguintes do livro de notas n.º 71, do cartório do notário de Castanheira-de-Pêra, Bacharel Marcolino da Silva, foi transformada a sociedade de José Alves Bebiano & Companhia, da qual são sócios Alberto da Encarnação Coelho, Roberto Fernandes de Carvalho, Domingos Alves Bebiano, Mário Alves Bebiano, Dona Aurora Rodrigues Correia e Dona Deolinda Bebiano Correia, que passou a ser regida nos termos constantes dos artigos seguintes:

— 1.º —

A sociedade em nome colectivo que neste concelho tem girado sob a firma José Alves Bebiano & Companhia é efectivamente transformada em sociedade por cotas de responsabilidade limitada, passando a ser regida pelas cláusulas constantes dos artigos subsequentes;

— 2.º —

A denominação é Sociedade de Lanifícios da Foz, Limitada e a sede e estabelecimento, continuam no local denominado Foz, limite da vila e freguesia de Castanheira de Pêra;

— 3.º —

O seu objecto é a exploração da indústria de lanifícios e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que resolva explorar, excepto o bancário;

— 4.º —

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se os efeitos da transformação, desde o dia um de Julho do corrente ano;

— 5.º —

O capital social é de duzentos e quarenta mil escudos, fornecido por todos os sócios, em partes iguais, ficando assim cada um deles, com uma cota de 40.000\$00 na sociedade; § único. As cotas estão integralmente realizadas e acham-se representadas pelos valores com que reforçaram o capital social, pelos mobiliários e imobiliários, incluindo os edificios da fábrica, que compõem o activo da sociedade, sobre os quais não pesa, nesta data, encargo algum de passivo;

— 6.º —

Não haverá cotas suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos, que forem julgados necessários, não vencendo as importâncias juro algum;

— 7.º —

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, poderá a sociedade amortizar a respectiva cota pelo pagamento de pronto do seu valor real, ao tempo da amortização;

— 8.º —

Na cessão e venda de cotas, ficam tendo a sociedade em primeiro lugar, e os sócios em segundo lugar, o direito de preferência na respectiva aquisição;

— 9.º —

A sociedade será representada, em

Serrana adormecida... A FUNDAÇÃO DO CONCELHO

(Continuação da primeira página)

mónica da nova Vila, rompem com alegres marchas, e milhares de pessoas aplaudem o discurso da distinta autoridade.

Segue-se a sessão inaugural do Concelho de Castanheira-de-Pêra, sendo lavrada a seguinte acta:

«Aos quatro dias do mês de Julho do ano de 1914, pelas 18 horas, em Castanheira-de-Pêra, numa sala de um edificio aqui situado oferecido gratuitamente por dez anos, para Paços Municipais, pelo cidadão Dr. Manuel Diniz Henriques e por sua Excelentíssima esposa D. Maria da Soledade Correia Teles Diniz, se reuniu para tomar posse a Comissão Instaladora do Concelho de Castanheira-de-Pêra, nomeada por decreto publicado no «Diário do Governo», composta dos seguintes cidadãos:

Bacharel Eduardo Pereira da Silva Correia, Manuel Alves Bebiano, Manuel Correia de Carvalho, Joaquim Diniz, José Sebasião da Gama, José Simões, José Henriques Lopes, Serafim F. de Carvalho, Manuel Filipe Tomaz, Manuel Fernandes de Carvalho, Joaquim Fernandes Dias, Manuel Antunes Ceipas, João Domingos Rosa, Augusto Alves Pereira, João Fernando Henriques e Celestino Henriques da Assunção. Tendo sido conferida a posse pelo Ex.º Governador Civil de Leiria, Dr. Abílio Barreiros, e guardado-se todas as formalidades legais, tomou a presidência a vogal mais velha, cidadão Manuel Alves Bebiano, que declarou que ia proceder-se à eleição, por scrutinio secreto, do presidente, vice-presidente, secretário, e vice-secretário e um vogal. Tendo sido nomeados para secretário e escrutinador, respectivamente, os vogais Serafim F. de Carvalho e José Simões, verificou-se pelo resultado que haviam sido eleitos para presidente, vice-presidente e vice-secretário da Comissão Instaladora, respectivamente, os cidadãos Bacharel Eduardo Pereira da Silva Correia, Manuel Correia de Carvalho, Serafim F. de Carvalho e José Simões, e presidente, vice-presidente, secretário e vogal da Comissão Executiva, respectivamente, Manuel Alves Bebiano, Joaquim Diniz, Manuel Filipe Tomaz, Celestino Henriques da Assunção e Joaquim Fernandes Dias.»

Segue-se no uso da palavra o Sr. Presidente da Câmara Dr. Eduardo Pereira da Silva Correia, que proferiu brilhante e substancial oração. Também o Deputado Sr. Vitorino Godinho, em frase vibrante, teceu o elogio da Vila em festa, e expressa com modéstia invulgar:

... «Castanheira-de-Pêra nada me fica a dever!» ...

Fala, agora, o também Deputado Sr. Doutor Bissaya Barreto, nosso distinguido conterrâneo. Do seu belo discurso recortamos:

... «Castanheira será em breve um município modelo, um município que será apontado, com justiça e com verdade, como símbolo de honesta administração dos serviços públicos. Continuará assim a história brilhante que este povo tem e que todos reconhecem com um certo enternecimento!»

Os restantes oradores, Senhores Srs. Dr. Abílio Barreto e António Maria da Silva Barreto, Dr. Augusto Barreto e Dr. António Bebebiano Correia, receberam os mais quentes aplausos.

Noite alta, estralejava o derradeiro foguete, sumindo-se no longe as notas das bandas de música, como adeus à Serrana adormecida... que acabára de receber a mais justíssima das consagrações.

■■■

O que vimos relatando aconteceu ontem... — há 32 anos!

Algumas das destacantes Figuras que se envolveram naquele solitário movimento regionalista de alto patriotismo, desapareceram na penumbra que os envolveu, para sempre, no mistério impenetrável do Campo da Verdade... Para Estes, a nossa mais palpitante homenagem de profunda veneração. Para os que, felizmente, ainda vivem, reservamos o nosso melhor reconhecimento pelos bens com que dotaram a nossa Terra — tão merecedora de todos os carinhos e de arrojadas iniciativas...

E a marcha encetada pelos Nobres da Serrana adormecida... tem desenvolvido seus passos, bem orientados, pelos Pioneiros de decidida vontade que desfraldam o pendão com dístico recamado de lantejoulas luzidias que diz:

«Nunca morrerá a Castanheira — quando encostada ao peito de um Castanhense!»

juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, todos os quais ficam sendo gerentes. Para que fique obrigada basta porém, que os actos respectivos sejam em nome dela assinados por dois dos mesmos sócios. § único. Os gerentes são dispensados de caução.

— 10.º —

Os balanços fechar-se-ão em 31 de Dezembro de cada ano e dos lucros líquidos apurados, separar-se-á, 1.º a percentagem legal para o fundo de reserva, enquanto este não se achar completo e sempre que for preciso reintegrá-lo e o remanescente,

será, sem prejuízo de qualquer outra deliberação, para dividendo aos sócios na proporção das suas respectivas cotas.

— 11.º —

As Assembleias Gerais, salvo os casos em que a lei exija formalidades especiais, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecipação de 8 dias pelo menos;

— 12.º —

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os

Sociedade de Lanifícios da Foz, Limitada

Por escritura pública de 27 de Junho de 1946 lavrada a folhas 93 verso e seguintes do livro de notas n.º 71, do cartório notarial de Castanheira-de-Pêra, foi alterado o artigo 7.º do pacto social, que fica assim redigido.

— Art.º 7.º —

No caso de vários sócios pretenderem fazer suprimentos, terá direito a fazê-los o que for indicado pela maioria dos sócios.

Castanheira-de-Pêra, 28 de Junho de 1946.

O ajudante de notário, exercendo todas as funções notariais por ter sido transferido o notário Dr. Marcolino da Silva,

a) Francisco Henriques

«O CASTANHEIRENSE» publica, na edição de hoje, 12 páginas, englobando o número referente a 1 de Julho.

Interessam aos leitores as páginas de PUBLICIDADE insertas adiante.

O telefone no COENTRAL

Da digníssima Direcção Geral dos CTT recebemos as seguintes informações:

«Refere-se esse jornal em 20 de Janeiro último à falta de telefone em Coentral Grande, que não obstante ter sido depositado há dez anos, pela Junta de Freguesia, a importância respectiva, ainda não foi instalado.

Sobre o assunto informamos que no Plano do corrente ano foi prevista a construção da linha e assim o telefone de que se trata vai ser instalado brevemente.

Quanto à alusão da importância paga há dez anos esclarecemos que não foi depositada quantia alguma.»

seus herdeiros exercerão em comum, os direitos do sócio falecido ou interdito, enquanto a cota social se achar indivisa, devendo fazer-se representar por um deles;

— 13.º —

A sociedade dissolve-se pela simples vontade de um ou mais sócios, cujas cotas representem pelo menos, uma sexta parte do capital social;

— 14.º —

Em todo o omissivo regularão as disposições legais aplicáveis.

Castanheira-de-Pêra, 28 de Junho de 1946.

O ajudante de notário, exercendo todas as funções notariais por ter sido transferido o notário Dr. Marcolino da Silva,

a) Francisco Henriques

Manuel Alves Ceppas

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS



ESCONHAIS

Castanheira de Pêra

Telefone 5

Fábrica de Lanifícios da Várzea

DE

José Tomaz Henriques, Sucessores, L.^{da}

TELEFONE 29

VARZEA

Castanheira de Pêra

Fábrica Completa de Lanifícios dos Rapos

DE

Manuel Barata Salgueiro

RAPOS

Castanheira de Pêra

